

a guerra, para marchar ao encontro dos Sarracenos. No dia da partida, abraçou cem vezes a joven esposa e o filho ainda pequenito, e, depois de os ter encommendado a Deus, partiu para a cruzada, — precedido pelo seu estandarte.

Mas, logo á primeira batalha, o conde cahiu n'uma embuscada e foi preso pelos infieis, que o trataram miseravelmente. E o soldão exigiu-lhe de resgate uma somma tão consideravel, que para a preencher não bastariam os thesouros de tres bairros judeus.

Um anno foi concedido ao conde para pagar o preço da liberdade.

Mas o nobre senhor, que não era muito rico, resignou-se christãmente a morrer.

Entretanto transmittiu á mulher uma mensagem de adeus, em que, depois de narrar a sua desgraça, lhe dizia assim:

«Deus ó quiz, — seja feita a sua vontade! Consola-te, virtuosa esposa, — e pensa em mim por tanto tempo quanto tu pudieses.

«Abraça o nosso filho; e, quando elle fôr grande e forte, dá-lhe uma espada. Que venha tambem combater pelo seu Deus, — e vingar seu pae.

«Eu te envio, esposa da minha alma, um pedaço da vera cruz e um ramo colhido no bosque das Oliveiras, onde Nosso-Senhor dormiu a sua ultima noite.»

Na epocha em que a condessa recebeu esta carta, um incendio tinha destruido o castello; — as colheitas eram más; — ia uma grande miseria pelo paiz. E a esposa do conde estava quasi tão pobre como o pastor que leva a pastar os rebanhos antes que lhe sejam arrebatados por alguma doença.

Mas a honesta senhora tinha uma grande coragem, e disse consigo mesmo:

«Se o meu senhor deve morrer, — morrerá nos meus braços,

«E poderá abençoar o seu herdeiro, — que não terá outra herança, Jesus!

«Senão o nome glorioso de seu pae»

E, tomando o filho nos braços, — a condessa partiu para a Palestina,

Onde nunca teria chegado, sem o auxilio da sua advogada, que desceu do ceu para a acompanhar n'aquella peregrinação.

Chegou ao campo dos infieis, justamente um dia antes do praso fixo para o pagamento do resgate do conde.

Mas, vendo que ella era pobre, — e não trazia nada, o soldão nem sequer lhe permittiu que visse o marido, e ordenou que o matassem no dia seguinte, — pela madrugada.

Mas, alta noite, a condessa teve uma visão.

Viu apparecer-lhe a sua advogada, Santa Margarida, aquella que poz os pés sobre a cabeça do demonio.

Tinha na mão um collar com tres fios de perolas maiores que os que se vêem na tiara do padre-santo,

E dizia á condessa:

«Senhora, Deus, que creou o mundo e reina sobre o universo, viu-vos forte na desgraça, e en-

via-me para vos soccorrer. E a Virgem, mãe de Jesus, por quem vosso esposo soffre no captiveiro, tambem me disse: «Corre e vae protegê-la».

«Trago-vos um thesouro que pagará a liberdade do conde:

«E' um collar de perolas mais ricas e mais bellas que as que nascem sob as ondas do mar,

«Onde os reis as mandam pescar pelos escravos que sabem nadar e não têm medo dos tubarões.

«Este precioso collar foi trabalhado e engastado em oiro fino por Santo Eloy, meu amigo, que é ourives do paraizo, e poz n'elle todos os seus cuidados.

«E essas perolas foram colhidas na vossa dedicação e na vossa coragem conjugal e christã.

«São as lagrimas que derramastes; durante a dolorosa peregrinação; eu as recolhi, uma por uma, nas vossas pégadas, e, com a graça de Deus, transformei-as d'esta maneira que vedes.»

E, um anno depois, o cavalleiro christão, de volta aos seus dominios, mandou reconstruir o castello,

No qual foi erigida uma capella a Santa Margarida, advogada da fiel esposa.

Trad.

L. R.

### Submisso

Versos? Pedacos d'alma! E quem me pede,  
E quem me ordena com a voz tão calma  
Que eu venha expor, n'um verso rendilhado,  
Que eu venha expôr em publico a minha alma!

Quem m'o diria a mim, eu que te ouvia  
Sempre a pedir segredo! Olha, repara,  
Meu doce amor, és tu a que me ordenas  
A abrir minha alma á populaça ignara.

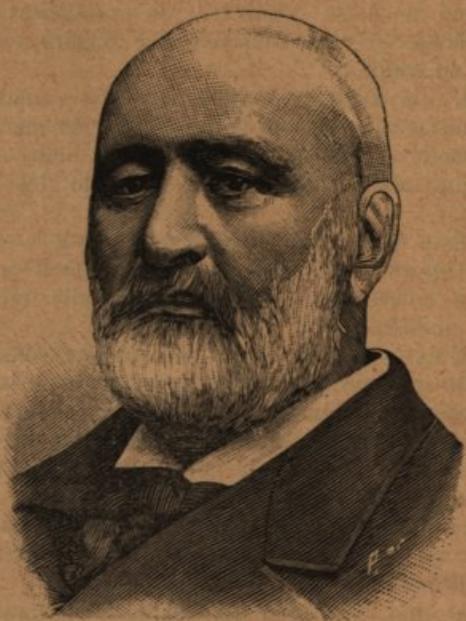
E's tu, ó doce, ó timida, ó modesta,  
Musa dos versos meus mais rutilantes,  
E's tu, tu que devias escondel-a  
Dos outros como um vaso de diamantes.

Pois então encho o peito de esplendores,  
Subo no azul, o meu amor rendilha  
Versos para a tua alma unicamente...  
E és tu que ordenas que os publique, filha!

Pois bem, deixal-os ir, ide fluctuando,  
Ide a boiar pelos jornaes, dispersos...  
Murchae, podeis murchar já que ella ordena,  
Já que é por ella que murchais meus versos.

Murchae, podeis murchar, plantas cortadas,  
Podeis murchar begonias de mil cores;  
Meu coração, como um terreno virgem,  
Ainda tem seiva para dar mais flores.

Francisco Bastos.



Carlos Adolpho Alphand

Todas as atenções n'este momento se acham voltadas para França, para a grande exposição. Não é só o desejo de ir a Paris; aquelles que o não podem fazer, querem pelo menos estar no conhecimento de tudo o que alli succede. E' assim que os jornaes, as revistas, as illustrações, todos se occupam com uma actividade indescriptivel em pôr os seus leitores ao facto, porque elles assim o exigem, dos mais insignificantes acontecimentos do dia relativos á exposição. Elle é o numero das pessoas que no dia tantos subiu ao 2.º andar da torre Eiffel, elle é o numero, a naturalidade e o nome dos gatunos que foram apanhados em tal dia, em summa é uma febre de reportage como nunca se viu. De todas as coisas se publicam gravuras; dos palacios, de cupulas, de ruas, de elevadores, de machinas, emfim de toda essa infinidade de coisas que compõe a exposição, e que serve para encher o olho curioso e avido do leitor.

Pois senhores! de tudo isso se falla, por tudo isso se interessa toda a gente, e só permanecem no esquecimento os homens a quem se devem esses prodigios do trabalho humano. M. Alphand, por exemplo, cujo retrato publicamos hoje, quem é ahi que o conhece, quem ouviu fallar n'esse nome? E no entanto é um dos directores dos trabalhos da exposição, é um engenheiro notabilissimo, e é a elle que a cidade de Paris deve os notaveis melhoramentos que fizeram d'ella a mais bella cidade do mundo.

M. Alphand nasceu em Grenoble, a 26 d'outubro de 1817. Acabado o curso da Eschola Politechnica entrou logo no de Pontes e Calçadas, fazendo uma carreira brilhantissima até 1854. N'esta occasião foi chamado por M. Haussmann, prefeito do Sena,

para realisar a transformação de Paris. A maneira como elle desempenhou a espinhosa missão que lhe fôra confiada excedeu toda a expectativa. Foi devido aos seus esforços e sob a sua direcção, que se crearam, successivamente, o Bois de Boulogne, o Bois de Vincennes, os parques Monceau, Buttes-Chaumont, e Montsouris, e os viveiros e as estufas de Paris que, segundo dizem os competentes, são modelos no genero.

Já em 1867 e 1878, M. Alphand tomou parte nos trabalhos de direcção das exposições. Na de agora foi elle o incumbido de preparar os terrenos do Campo de Marte para a exposição. A maneira como elle venceu todas as difficuldades e o partido que tirou dos terrenos, têm sido elogiados por todos os engenheiros, que são os primeiros a confessar que o Campo de Marte não podia ser melhor aproveitado. M. Alphand, o illustre engenheiro, é um velho já, mas sympathico, muito amavel e dispondo d'uma actividade que faria inveja a um rapaz de 20 annos.

L. R.

### Soneto

Já da morte o pallor me cobre o rosto,  
Nos labios meus o alento desfallece,  
Surda agonia o coração fenece,  
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto  
Tento o somno reter!... já esmorece  
O corpo exausto que o repouso esquece...  
Eis o estado em que a magoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,  
Fazem que insano do viver me prive  
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!  
Volve ao amante os olhos por piedade,  
Olhos por quem viveu quem já não vive!

Alvares de Azevedo.

### Silva Porto

Silva Porto é inquestionavelmente um paizagista.

Educado nos modernos processos, a sua posição, como representante legitimo d'uma renovação artistica, necessaria a oppôr ás theorias officiaes, affirmou-se desde que as suas obras appareceram a impressionar o espirito publico e a attrahir os jovens artistas para um modo de intepretação completamente novo.

Uma supremacia de grande responsabilidade lhe estava reservada; e elle tem sabido mantel-a modestamente e sem alardes, n'uma superioridade de predilecção incontestada e ditosa, sem uma voz discordante na charamella laudatoria que o tem acompanhado.



MACEIRAS EM FLOR — Quadro de Silva Porto

(Desenho do auctor)

Porque effectivamente nas suas obras (refiro-me ás que pelas dimensões podem testemunhar os seus meritos) ha as qualidades preciosas de elaboração profunda, de espirito de observação penetrante e de sentimentalidade.

Na sua palheta ha recursos para a tonalidade immensa de toda a vegetação, de todos os effectos da luz, de todas as irradiações chromaticas da natureza. E tudo feito d'um só jacto; cada pincelada imprime sem hesitação o toque certo e definitivo, a partir do primeiro plano pela perspectiva dos seus campos, ou parem a pequena distancia n'um recanto proximo, ou se estendam a perder de vista até aos extremos limites do horizonte.

O aspecto enriquecido e rasteiro dos mattos crestados pelos ardores do sol, a aspereza branda dos terrenos soltos em torrões lavrados de ha pouco, o leito trilhado das estradas, as rugosidades polyedricas dos penedos, o musgo dos troncos estalados das velhas arvores, a frescura humida das ramarias viçosas e flexiveis dos arbustos, a diversidade dos verdes nos prados, elle sabe exprimir tudo isso com relevo, verdade e harmonia tão simples, tão agradável e lucidamente! E, ao mesmo tempo, com toda a variedade infinita de accidentes imprevisíveis.

Ha por exemplo, quadros seus pequeninos, — verdadeiras bugiarias para um artista de reputação —, onde os nossos olhos descobrem nitidamente todas as minucias tenuissimas dos terrenos e da vegetação; e no entretanto, observadas de perto, são obtidas como se uma brocha suja em vinte côres fosse espalmada, de olhos fechados, sobre a superficie do quadro.

A fórma como este artista interpreta e reproduz a natureza despertou admiração. O processo de execução parecia baseado no acaso, e a consecução dos effectos extremamente facil. E o que é mais, esta illusão começou a desabrochar em imitadores de boa fé...

São esses pruridos de imitação cega e insensata, d'uma deploravel ingenuidade, que não vae alem da crusta material da côr, que tem produzido, e continuam, as mais extravagantes anedoctas e aberrações...

\*

A influencia d'este artista marcou um novo periodo na arte da paisagem em Portugal. Antes d'elle os sagrados canons academicos impunham aos neophitos os preceitos do convencionalismo para corrigir, anedar e polir a rude e caprichosa natureza. A paisagem era reduzida a formulas e olhada atravez dos preconceitos e das regras, — para os contrastes da coloração, assim como para o equilibrio dos delineamentos!

Os seus quadros, porém, que representavam os progressos contemporaneos, da moderna maneira de pintar, vieram mostrar aos novos artistas, que uma enthusiastica aspiração de sinceridade e de realismo devia guial-os na observação pessoal e livre da natureza pelas impressões da sua sensibilidade e da sua comprehensão.

Acabou a complicada *mise-en-scene* dos velhos bucolismos: as longinquas montanhas azues, os vegetaes seculares amarellados; as penedias phantasticas na sua ponderação geometrica, e na atmosphera as nùvens de algodão acastelladas: — a *symetria e a ordem!*

Hoje um tracto modesto de terra, um pedaço de horta ou de relva viçosa, uma latada, um par-dieiro, duas arvores esfusiadas, uma nora, um cotovelo de estrada, seja o que fôr, presta um assumpto encantador á nossa contemplação, na sua vidade das recordações vagas, que cada um conserva na intimidade das suas meditações.

O que se exige, em summa, — condição unica — é que a limpidez e a claridade luminosa do dia inunde a tela; e sempre e sobre tudo, — que a nossa alma se agite n'uma emoção *sympathica*.

A. G.

### Rosita

Da ensombrada varanda do pequeno quarto, a vista dominava toda a aldeia, modestamente agachada lá no fundo, n'aquelle estreito valle luxuriante, risonho de luz e de folhagem. Ao fundo do estreito quintal plano e sem arvores, erguia-se um murosito caído em que a porta rasgava uma nodoa verde; juncto da hobreira trepava mimoso um tronco fraco de vide, que, do outro lado, pendia n'um cacho de verdura. Detraz, via-se da varanda o largo poço aberto e abandonado, todo velho dos musgos, rasgado de fendas onde enraizavam delicados fêtos; e, muito longe, na collina baixa e arredondada, um moinho solitario erguia as largas velas, doloroso, batido dos ventos e beijado da luz.

E era n'aquelle pequena varanda recolhida, que elle esperava sempre Rosita, a filha do moleiro, que vinha dos campos, á tarde, quando o morrer da luz doirava as cousas, e nas silvas do atalho recolhiam aves. Elle descia então d'um salto a escada, e ia esperal-a cantando, as mãos nos bolsos da jaqueta curta, juncto da porta verde onde passava o atalho. Alli ficavam até tarde, falando baixo, cousas de amor, serenas de ternura, que eram retalhos d'alma.

Nos seus olhares suavissimos, tranquillos, afo-gava-se uma ventura branda, e nas suas almas simples parecia espalhar-se a larga doçura dos campos verdes, que os cercavam, e a limpidez do fundo azul, que os cobria.

Já tarde, entrava o luar na paz dos arvoredos, ella erguia á cabeça a herva em feixe, e lá ia no atalho silencioso olhando-o ás vezes, volvido para traz o olhar amado. Como elle recolhia então contente, atravessando, vagaroso, o pequeno quintal claro de luar, sob a serena quietação do ceu, que o penetrava de doçura, com os brilhos fugitivos das suas grandes estrellas adormecidas.

\*

Mas veio um dia máo em que a Rosita morreu. Lá ficou estendida sobre a cama, a emagre-

cida face muito branca, os seus cabellos a rasgar, escuros, a alvura dos lençoes.

Esquecida, dormia agora lá em baixo, sob a terra, n'um canto do cemiterio, que se via distante, meio encoberto pelas grandes arvores, que o agasalhavam na piedosa sombra.

E nunca mais elle esperou cantando, ás horas em que morre o sol no poente, e está sempre deserta a pequena varanda recolhida, d'onde se vê o moinho solitario, erguidos para o ceu os braços lividos.

Agosto de 89. *Alexandre Braga, filho.*

### A proposito . . .

Toda a gente conhece a historia do verso de Malherbe :

Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses  
L'espace d'un matin.

Malherbe escrevera :

Et Rosette a vécu ce que vivent les roses, etc.

N'este caso o poeta ganhou com o erro do typographo, outros porém tem havido — e ai de nós ! elles repetem-se com tanta frequencia — que têm compromettido os auctores.

Citamos alguns que são celebres.

No reinado de Luiz Philippe um jornal poz na bocca de um grave ministro a seguinte phrase, que a simples troca de uma letra (um *a* por um *o*) estropiou :

«Messieurs, je demande que la discussion soit renvoyée à demain, je suis à bout de mes farces.»

Outro jornal dizia um dia :

«M. Guisot s'est pendu aujourd'hui a Saint Cloud près du Roi.»

O noticiarista tinha escripto s'est rendu.

O mesmo jornal disse n'outra occasião, fallando de um sujeito que tinha sido condecorado :

«M. Delsarte, capitaine de la garde nationale a été devoré hier à la tête de sa compagnie.»

A simples troca de um *c* por um *v* !

Isto vem a proposito da maneira como o artigo publicado no n.º 3 do *Jornal para todos* — *O diamante no trabalho* — foi deturpado pelo typographo . . . O nosso collaborador A. Barbosa escreveu, queixando-se. Pedindo-lhe desculpa, ahi lhe apresentamos esses exemplos celebres, lastimando que as deturpações que o seu interessante artigo soffreu não fossem, ao menos, engraçadas . . .

### Curiosidades

Os simographos são aparelhos registradores do movimento do solo. Um d'estes instrumentos installado no observatorio de Paulonk constatou uma deslocação cujo centro era em Werny a uma distancia de 4:836 kilometros do observatorio, 23 minutos depois que ella teve lugar. É pouco mais ou menos a velocidade do som nos solidos.

Um inglez M. Friere Green acaba de descobrir um meio de photographar a voz. Toma um boccalho de pergaminho que estica como uma pelle de tambor e sobre o qual colloca um pequeno espelho de vidro prateado. Um raio de luz passando por um buraco d'agulha, deante do qual está um pedaço de talco corado de verde, vem cahir sobre o espelho e vae reflectir-se a distancia d'um metro pouco mais ou menos, sobre um vidro muito sensivel. Quando se falla por detraz do tambor, as vibrações produzidas pelo som da voz sobre o diaphragma de pergaminho tornam-se visiveis sobre o vidro. E' de crer que esta descoberta venha a ter alguma applicação util.

Eis um novo processo para defender os portos, que não deixa de ser interessante a pezar de nos parecer inteiramente chimerico. Consiste em lançar do fundo d'agua contra os navios inimigos, petroleo inflammado. Para isso collocam-se no fundo do rio ou do mar e nas margens do porto tubos de ferro atravez dos quaes passará o petroleo projectado para a superficie d'agua com a ajuda d'uma machina e a uma alta pressão. Dizem os inventores que d'este modo se obterá uma chamma mais alta que o mastro d'um navio, podendo incendiar as embarcações inimigas a algumas milhas de distancia. Vê-se logo que é impossivel vencer este oceano de chammass, ficando assim completamente defendido o porto. O ministro da marinha dos Estados Unidos já mandou estudar o projecto. Parece que brevemente será experimentado no porto de Philadelphia.

Os americanos com a pressa que põem em tudo quanto fazem acabam de presenciar uma terrivel catastrophe em que perceram mais de 10:000 pessoas da cidade de Jonhstown.

Eis como os jornaes contam o sinistro :

A cidade era situada logo abaixo d'um lago cujo nivel excedia de alguns metros o do solo onde estava edificada Jonhstown. As aguas do lago eram contidas por um dique de 300 metros de comprimento sobre 21 d'alto. O lago era alimentado por um riacho, o Conemaugh que varia muito com as cheias. No dia da catastrophe os habitantes foram prevenidos pelo engenheiro de que o nivel das aguas subia rapidamente e que era de temer

que excedesse a muralha. Os habitantes de Johnstown que já tinham d'outras vezes recebido avisos identicos, não fizeram caso. E entretanto o perigo era tão imminente como aterrador. Á uma hora da noite a muralha estava coberta d'agua a uma altura de sete centímetros. E esta toalha d'agua correndo ao longo da muralha não tardou a produzir os seus effeitos: foi atacado o paredão em varios pontos. De repente ouviu-se um grande estrondo e uma massa d'agua, assombrosa, abateu-se sobre a cidade. Foi ás tres horas da noite que se deu o desmoronamento, e 60 milhões de metros cubicos d'agua cahiram de chofre sobre o valle, varrendo a principio a aldeia de Woodsale, que formava como que um amparo a Johnstown, e em seguida a cidade. Em poucas horas morreram mais de 10:000 pessoas.

A analyse elementar de um excellente casamento deu os seguintes resultados:

Amor reciproco, ardente, profundo, extremamente tenaz.....	9,000,000
Bondade na mulher.....	100,500
Espirito no homem.....	100,500
Paciencia na mulher.....	130,100
Ambição no homem.....	150,200
Pudor na mulher.....	120,000
Sensualidade no homem.....	180,000
Senso esthetico em ambos.....	100,200
Riqueza em ambos.....	50,100
Miopia na mulher.....	20,100
Presbytismo no homem.....	20,000
Ciume na mulher.....	0,000
Ciume no homem.....	8,300
Graça, delicadeza reciproca (quantidade imponderavel).....	10,000,000

Mantegazza.

## Recreações

N.º 18

### PROBLEMA

Postas em linha oito cartas de jogar, collocar quatro d'essas cartas sobre as outras quatro, fazendo passar as cartas que se deslocam por cima de duas das outras.

N.º 19

### PROBLEMA

Decompôr um quadro em sete partes, de fórma que, convenientemente reunidas, possam formar tres quadrados.

As soluções serão publicadas no n.º 11.

## Respostas correspondentes ao n.º 6

N.º 14 — (*Pergunta curiosa*)

E' a terra em que passo as ferias. Porque... nem livros, nem lentes, nem cabra.

Terras do Bouro. *Z. (estudante em ferias)*

\*

E' a Figueira da Foz, em julho e agosto... Por que aqui passeia n'esses mezes um alegre bando de graciosas hespanholas que afugentam a sensaboria indigena...

Figueira da Foz. *J. L. S.*

\*

Am.º e Sr.

Cá para mim a terra mais alegre é aquella em que eu faço mais negocio e ha mais raparigas bonitas. Porque, senhor redactor, é assim que se junta o util com o agradável, como disse não sei que sabio illustre, que o sr. ha de conhecer.

*J. da Labrugeira* (caixeiro de cobranças.)

\*

E' Cantanhede. — Por causa do *Deus te livre*.

Pocariça. *S. F.*

\*

A povoação mais alegre de Portugal é por sem duvida Coimbra, porque é ahi que a mocidade estudiosa, passa os seus annos de ouro, quero dizer, o ouro dos seus annos, isto é a primavera da sua vida. Accrescentae a esta circumstancia a belleza encantadora da Lapa dos Esteios e do Penedo da Saudade... Ai! tempos, tempos, ai! saudosos tempos de amor, guitarra e arrufadas!

Caldas de Vizella. *Conselheiro Accacio.*

\*

Portugal não tem povoação «mais alegre», porque todas são tristes.

*Um pessimista.*

\*

E' a minha aldeia. Porque n'ella encontro o agasalho d'um tecto familiar, a riqueza dos meus antepassados e admiro n'ella os encantos da natureza, gosando as suas distracções.

Regoa. *Ralf.*

\*

Tenho andado por muitas terras de Portugal, mas a mais alegre para mim é esta aldeia de S. Romão; porque aqui nasci, aqui me creei, e aqui espero morrer, se Deus quizer.

S. Romão. *Joaquim Antonio de Sousa.*

\*

E' absurdo perguntar qual é a povoação mais alegre de Portugal; isto pela razão de que *un sot trouve toujours un plus sot que lui*.

Lourinhã. *Um philosopho.*

\*

E' Portalegre. Porquê não sei, nunca lá fui. Faça esta supposição por causa do nome...

*Calino.*

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

7 de setembro de 1889

## Margens do Mondego

Poucos paizes haverá onde a educação da mulher tenha sido tão descuidada como em Portugal. Não é só a mulher do campo, a mulher creada no meio das serras, longe do convívio civilisado; é também a das cidades, a mulher de Lisboa ou do Porto, cuja educação é deficiente e sobretudo mal dirigida.

blicamos hoje, e digam-nos, d'entre as senhoras portuguezas que tiveram o que vulgarmente se chama uma educação esmerada, qual é a que aprendeu a desenhar? Nenhuma.

E no entanto que arte mais digna da mulher, que divertimento, se querem que lhe chame assim, mais adequado á phantasia e á vida d'uma senhora de boa educação?

Vêde uma ingleza ou uma franceza quando vae ao campo; leva o lapis e o album e ao voltar



MARGENS DO MONDEGO — Desenho a carvão, pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Graziella Bastos

(Esboço da auctora)

A' mulher do campo não lhe têm sabido aproveitar as aptidões, a mulher das cidades não lhe dão a cultura que necessita, principalmente esthetica. E' por isso que ao passo que lá fóra a mulher vae cada vez adquirindo maior independencia, facilitando o progresso das sociedades, entre nós conserva-se no mesmo estado de ha 50 ou 60 annos. Não é preciso proceder a aturados estudos, nem a grandes minudencias de observação para se reconhecer esta verdade.

Sirva de exemplo o primoroso desenho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Graziella Bastos, cuja gravura pu-

traz qualquer coisa de gracioso, um canto de paizagem, um pedaço de estrada, um tufo de choupos á beira d'agua, emfim uma recordação...

Vêde pelo contrario uma portugueza, passa pela natureza sem a comprehender e portanto sem a amar. Não ha nada mais triste nem mais doloroso de ver, pelo menos para um artista, do que um rancho de senhoras portuguezas passeando por um sitio pittoresco, assombrado de bellas arvores, com aguas frescas a correr e azinhagas tortuosas que vão levar lá cima, ao cume d'uma serra, d'onde se veja pôr o sol... Nada d'isto as impressionará;

velhas ou novas, casadas ou viúvas, namoradas ou não, a natureza será incapaz de lhes arrancar um grito de admiração, um estremecimento d'amor, um simples olhar de sympathia.

Eis porque, n'um meio como este, quando apparecem espiritos gentilissimos, como o da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Graziella Bastos, nós nem sequer sabemos de que modo testemunhar-lhes a nossa sympathia e admiração.

A arte entre nós tem decahido tanto que até homens mesmo são raros os que a cultivam, quanto mais senhoras! Por isso quando alguém se levanta a romper com o convencionalismo se torna logo mais digno do nosso applauso e reconhecimento.

Espirito de eleição, tendo vivido quasi sempre em Coimbra, era natural que a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Graziella Bastos se apaixonasse por estes sitios, pela sua paizagem, pelo seu ar.

Foi d'ahi que nasceu esse delicioso desenho — *Margens do Mondego* — apresentado em 1884 na exposição districtal de Coimbra.

Simples, como todas as paizagens d'estes sitios, compõe-se apenas d'uma porção de choupos e d'uma grande massa d'agua, mas de tal modo executado, com tal comprehensão, que o effeito chega a surpreender, pela generalisação. Effectivamente aquelle não é o ponto A ou o ponto B, são as margens do Mondego, synthetisadas em toda a sua belleza, com todo o seu character, com aquella vaporosa melancholia que parece ennevoar os seus choupos. E assim devia ser.

O Mondego é essencialmente triste; d'uma tristeza particular que antes attrahe do que afasta, que faz chorar os olhos e ao mesmo tempo consolar a alma. Tanto que não ha rio que tenha adquirido maior celebridade do que este, pela melancholia que infunde, tão decantado pelos poetas desde Camões até ao sr. Manuel Gayo. N'elle têm cabido piedosamente, ha seculos, as lagrimas das gerações que por aqui vão passando; n'elle se têm feito, ao luar, em deliciosas gondolas, embaladas pelas suas aguas, as mais commoventes e dolorosas despedidas; n'elle se tem dado por escuras noites em que a cidade dorme, o vento não sussurra e o ceu é mudo, muita scena d'amor desesperado, muito beijo molhado em lagrimas, muito abraço despertado em maguas...

E' isso pelo menos o que se conclue de tanta poesia dispersa, de tantos versos repassados de saudade e tristeza, que este saudoso e claro Mondego tem sabido inspirar, no murmurio das suas aguas que se vão chorando para o mar.

Mysterioso rio é este de grande encantamento, que a gente em se vendo n'elle, pela noite, n'um pequeno barco, sente logo os olhos a marejar de pranto e o pensamento a caminhar para coisas de muita tristeza. E não ha resistir-lhe, senão que um bem estar amargo se apodera de nós e da nossa alma, que toda se defaz em versos.

Aqui se desfez a alma de Camões, aqui a de Castilho, aqui se anda a desfazer a alma do sr. Gayo, e aqui manda a tradição que a gente se recolha e medite, sobre estas aguas, pensando no

que é, no que foi e no que ha de vir a ser; — *pulvis es et in pulvis reverteris*. Para a alegria não presta elle, nem nunca prestou decerto; porque tudo o que d'elle se disse ou se diz são sempre coisas magoadas ou pelo menos saudosas de se ouvir. Mas da razão d'estas tristezas nada sei eu, nem nunca saiba, que o conhecel-as, ao que dizem, é em parte sentil-as já.

L. R.

### Ahasverus e o genio

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,  
O misero Judeu que tinha escripto  
Na frente o sello atroz!  
Eterno viajor de eterna senda...  
Espantado a fugir de tenda em tenda,  
Fugindo embalde á *vingadora voz!*

Miserrimo! Correu o mundo inteiro,  
E no mundo tão grande... o forasteiro  
Não teve onde pousar.  
C'o a mão vazia — viu a terra cheia,  
O deserto negou-lhe — o grão de areia,  
A gotta d'agua — rejeitou-lhe o mar.

D'Asia as florestas — lhe negaram sombra,  
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,  
O chão negou-lhe o pó!...  
Tabas, serralhos, tendas e solares...  
Ninguem lhe abriu a porta de seus lares  
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,  
E não pôde, entre tantas populaças  
Beijar uma só mão...  
Desde a virgem do norte á de Sevilha,  
Desde a ingleza á crioula das Antilhas  
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribus se afastavam  
E as mulheres tremendo murmuravam  
Com respeito e pavor,  
Ai! fazia tremer do valle á serra...  
Elle que só pedia sobre a terra  
— Silencio, paz e amor! —

No entanto á noite, se o Hebreu passava,  
Um murmurio de inveja se elevava,  
Desde a flôr da campina ao colibri.  
«Elle não morre» a multidão dizia...  
E o precito comsigo respondia:  
— Ai! mas nunca vivi! —

O Genio é como Ahasverus... solitario  
 A marchar, a marchar no itinerario  
 Sem termo do existir.  
 Invejado! a invejar os invejosos,  
 Vendo a sombra dos alamos frondosos...  
 E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede u'a mão de amigo — dão-lhe palmas;  
 Pede um beijo de amor — e as outras almas  
 Fogem pasmas de si.  
 E o misero de gloria em gloria corre...  
 Mas quando a terra diz: — «Elle não morre»  
 Responde o desgraçado: — «Eu não vivi...»

Castro Alves.

### Fugiu

O meu primeiro namoro foi aos doze annos.  
 Chamava-se ella... deixal-o, o nome. D'ella me  
 lembro que apesar de mais nova era mais alta  
 do que eu, o que me desgostava immenso, quan-  
 do a gente se ia medir e se punha nos bicos  
 dos pés.

Do seu modo de andar, do seu fallar, dos ves-  
 tidos que ella usava, de nada me recordo; tenho  
 apenas diante dos olhos, como que a grande dis-  
 tancia, um vulto esbatido, uma *silhouette*, qualquer  
 coisa d'elegante e de *souple*,

Que eu já não vejo, mas que ainda sonho,  
 ainda sinto, ainda amo...

Tanto quanto me posso lembrar d'ella parece-  
 me que tinha a bocca pequena e fresca, o cabello  
 preto, o rosto oval e claro, a mão macia e fina,  
 muito fina e muito branca, que ainda me lembro  
 d'isso;

De tanta vez que a tive sobre a minha, no  
 pomar, debaixo das laranjeiras, — quando o irmão  
 d'ella nos casava, rindo.

Mas isto foi ha tanto tempo e é de tão longe,  
 que quando penso n'ella tudo se esbate, tudo se  
 confunde, tudo para mim é vago e duvidoso, ex-  
 cepto os seus olhos, os seus olhos que eu vejo dis-  
 tinctamente, — como uma visão d'agora;

E cujo olhar azul ainda parece vir de tão longe,  
 de dez annos de distancia, da outra banda do mar,  
 atravessar meu coração — de lado a lado.

E de outra coisa ainda me lembro agora — e  
 dolorosa coisa! — é de que ella apesar de mais  
 nova era mais alta do que eu, o que me desgostava  
 immenso, quando a gente se ia medir e se  
 punha nos bicos dos pés.

E fugiu.

Para onde? não sei;

Mas o que eu sei: — é que ella me fugiu a  
 mim.

Coimbra.

L. R.

### A Folha do Salgueiro

(imitado de Tchan-Tfú-Lin)

Amo aquella formosa e terna moça  
 Que, á janella encostada, arfa e suspira;  
 Não porque tem do largo rio á margem  
 Casa faustosa e bella.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas  
 Verde folha cahir nas mansas aguas.

Amo a briza de léste que sussurra,  
 Não porque traz nas azas delicadas  
 O perfume dos verdes pecegueiros  
 Da oriental montanha.

Amo-a porque impelliu co'as tenues azas  
 Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,  
 Não é porque me lembre á alma e aos olhos  
 A renascente, a amavel primavera,  
 Pompa e vigor dos valles.

Amo a folha por ver-lhe um nome escripto,  
 Escripto, sim, por ella, e esse... é meu nome.

Machado de Assis.

### Officinas no Collegio dos Orphãos de Coimbra

A precedente Mesa, á qual foi confiada a ge-  
 rencia administrativa da *Santa Casa da Misericor-*  
*dia*, tornou-se excepcionalmente notavel, não só  
 pelas reformas que introduziu, mas principalmente  
 pela alta comprehensão das exigencias da vida e  
 da educação moderna com que soube levar mui-  
 tas d'ellas a effeito.

A indole d'esta publicação não comporta a enu-  
 meração de todos esses benefícios que a intriga  
 local desvirtuou, para pasto de azedumes e mor-  
 dacidades. De todas essas reformas, portanto, um  
 unico facto aqui separamos e applaudimos, que  
 por si só bastaria a engrandecer a iniciativa e a  
 honrar a corporação que a mereceu: referimo-nos  
 á fundação das escolas de aprendizagem d'este  
 estabelecimento.

A opposição irritante instigada á hostilisação  
 contra a Mesa e á contrariedade da sua obra foi  
 simplesmente desprezivel. Um grupo audaz que  
 quebra lanças pela integridade do regimento mu-  
 nificado de 1620, deve considerar-se totalmente  
 inutilisado, de senilidade morbida.

\*

A instrucção pratica industrial, dependente das  
 condições especiaes da aprendizagem entre nós só  
 muito recentemente foi iniciada na sua verdadeira  
 propagação popular pelo decreto de 3 de janeiro  
 de 1884.



DR. PHILOMENO DA CAMARA MELLO CABRAL

Lente de Medicina na Universidade de Coimbra

A intelligencia indigena comtudo discretea omnisciente e auctoritaria sobre o assumpto, embora muitas vezes se dispense de conhecer, pelo alto, a enorme producção litteraria que se acha accumulada pela confluencia mental dos pensadores sobre este grande problema da actualidade. Porque é extraordinariamente complexa a questão, de cujo desenvolvimento resaltam umas complicadas doutrinas e interminaveis systemas.

Os antigos *mesteres* findaram com a legislação tyrannica que os amparára.

Com o advento das novas ideias e conquistas de liberdade, nós deixámo-nos arrastar pela ficção, e achámo-nos impellidos para a frente, sem sabermos qual o norte que devia orientar-nos, qual o caminho que mais seguramente nos conduziria á prosperidade e ao prestigio da civilisação.

Nos dominios do trabalho este erro foi mais fatal, que em tudo o mais. Supprimiram toda a vigilancia sobre a manufactura e a aprendizagem; e a ignorancia, para a qual o povo luso sentia ingenuas tendencias, tornou-se um elemento tolerado e legal, favorecido até pelas capacidades dirigentes, accete sem contestação, mantido durante meio seculo de progressos universaes!

As consequencias têm-se feito sentir duramente pela concorrência e exploração das industrias alheias, pela depauperação do paiz; e o trabalho nacional de tal forma enfraquecido e desacreditado, que a classe media o despreza como condição abjecta, que deslustra e envergonha quem o exerce.

D'ahi é que provem esse terrivel contagio absorvente da seiva total do paiz, a *empregomania*, o parasitismo incomprehensivel e absurdo de metade dos productores d'uma nação, que sustenta a outra metade convertida em funcionarios do estado!

\*

Entre nós, submissos por indole e por educação á tutela governativa, exclusivamente dependentes da paternal solicitude do poder central, são infelizmente raros os esforços da iniciativa particular postos ao serviço d'uma grande ideia de interesse publico e de aperfeiçoamento social.

Reconhecida e accete a necessidade de reorganisar e fortalecer o trabalho industrial, ha de ser pelo maior derramamento do ensino, onde houver aptidões a proteger, actividade a fecundar, que os prejuizos da longa somnolencia e atrazo de tantos annos poderão ser attenuados n'uma grande e patriotica effusão de esforços communs.

Falta, por emquanto, a acção superior de inspecção para o aproveitamento completo de todos estes contingentes auxiliares, fortalecendo-os e animando-os segundo um plano estabelecido e bem regulado (Em parallelo: *Chambre consultive des arts et manufactures, etc.*; — *Commission de surveillance pour l'enseignement du dessin, etc.*).

Assim assegurado e protegido o futuro dos institutos de ensino de acção privada e das corporações de educação, deixariam de ficar á mercê dos caprichos das facções e das oscillações da execravel politica; e a sua organização seria mais sensata e proficua na cooperação geral e no aproveitamento de todas essas forças subsidiarias.

\*

E' segundo uma ordem de ideias já manifestadas que aqui prestamos a devida homenagem a um dos principaes promotores das officinas da *Santa Casa*, pela publicação do retrato do provedor, o dr. Philomeno da Camara. No proximo numero completaremos este acto de justiça, sem comtudo pretendermos obscurecer os louvores que merecem todas as cooperações dedicadas, que para o desenvolvimento e o progresso d'estas escolas hajam utilmente concorrido.

*Continúa.*

A. G.

### Ao cahir da tarde

O sol vae a morrer sem esplendores,  
A noite ha de ser cheia de fragancia,  
E elle ouve... O que será? serão pastores?  
Ou noivos a beijarem-se a distancia?

Nada d'isso! Ninguem, ninguem viria  
Metter-se n'este humilimo degredo...  
O que ouve é uma toada, é uma harmonia,  
E' Pan a tocar flauta entre o arvoredado.

L. R.



AO CAIR DA TARDE

## Historia vulgar

### I

Uma velha historia esta: velha como a terra e, no entanto, verdadeira sempre. Fará rir? fará chorar? Nem uma cousa nem outra ou ambas as cousas talvez, pois que é a um tempo desconsoladora e burlesca.

### II

Chamava-se Celia. Era loura, tão loura como uma gavela de trigo de ha pouco ceifado. Olhos azues languidos, extraordinariamente doces. Nunca conhecera a familia, nem d ella ouvira fallar. Era a Celia, simplesmente.

Pobre, trabalhava para levar a vida. Era florista, e as suas mãos encantadoras, de roseos dedos, finos e delicados, eram umas mãos patricias.

Tão modesta como linda. Um tudo-nada coquette, não a enleivavam galanteios. Bem pelo contrario. Se consideram isto um defeito, bem desculpavel é elle.

### III

Endoudeciam por ella todos os que a viam, fosse uma vez sómente.

Dous homens sobretudo a amavam, perdidos. Fabio, um poeta, e Armando, um tenente. Rivaes no amor, estimavam-se como irmãos.

Eram ambos pobres, como Celia. Comtudo, o poeta mais que o tenente.

Moravam todos na mesma casa. Celia no terceiro andar, Armando no segundo, e o poeta... na trapeira.

O primeiro, esse, era todo occupado por um velho banqueiro, viuvo e rico, o sr. Isaac Goldmisheim. Um judeu, feio, chupado, em arco, e sem dentes. Oculos d'ouro e fungando rapê, continuamente. Tambem o velhote fazia olhos ternos á pequena, sem nunca lhe ter fallado. Celia ria-se d'aquella fealdade, d'aquelle costado recurvo, d'aquella cara de fuinha, das mandibulas nuas, das pitadas e dos oculos com aros d'ouro. N'uma palavra, escarnecia-o... E o velho immensamente rico!

### IV

Resta a sobreloja. Devoluta, ao tempo. Ninguem a occupava.

### V

Todas as manhãs levantava-se Celia ás seis e meia. Fabio e Armando adivinhavam-n'a a vestir-se alegre e ligeira.

A's sete sahia a levar flores aos seus aristocraticos freguezes, e voltava ás nove, trabalhando até ao jantar.

Conhecera os dous amigos na escada. A principio, meros cumprimentos frios, e em pouco uns

*bons dias* mais amigaveis. Depois, succederam uns breves dialogos banaes, e por fim a declaração d'amor do poeta e a do tenente, a medo e em adoração. Ouviu-os ella com attenção igual. Mas qual o preferido, nem mesmo ella o saberia dizer. O que é certo é que desde então ficaram todos trez amigos.

Agora esperavam-n'a os dous na escada. Fabio descia um andar, Armando subia outro, e assim fallavam com ella á porta do seu quarto. Finda a conversa, voltavam os dous apaixonados por onde tinham vindo.

Fabio dizendo:

— Esteve hoje mais amavel commigo. Pobre Armando!

E Armando:

— Com certeza sou eu o feliz. Pobre Fabio!

### VI

Por vezes, quando o tenente recebia o soldo, o poeta a importancia d'alguns versos ou de qualquer novella, e a florista o pagamento d'alguma encomenda maior, jantavam juntos, os trez, no quarto de Celia.

Nunca, a pezar das supplicas respeitadas e ardentes de Fabio e de Armando, nunca a florista consentira em jantar a sós com qualquer d'elles.

### VII

Alegre como uma toutinegra, como uma toutinegra a rapariga cantava todo o santo dia, ao trabalho, com uma voz harmoniosa, perolada, deliciosamente sã. E a sua alegria era já proverbial na casa.

Agora, porem, havia o quer que fosse que a preocupava, tornando-a pensativa. O seu rostinho gaiato empanava-se-lhe n'uma ligeira sombra — prompto dissipada — como se tristonho pensamento lhe mordesse o espirito.

### VIII

E elles disseram-lhe um bello dia:

— Celia, jantaremos juntos amanhã.

E ella, após um silencio, respondeu:

— E' preciso acabarmos com isto. Amam-me ambos e ambos me agradam. Preciso escolher. A'manhã jantarei só com um.

Ambos se fizeram horrivelmente pallidos. Ella proseguiu:

— Não vejo motivos de preferencia. A sympathia que lhes tributo é igual. Decidam-se. Façam valer os seus direitos. Empreguem toda a sua eloquencia, e, á hora de jantar, subirei um andar ou descerei outro. Até lá não lhes concedo entrevista alguma. Vão para os seus quartos, escrevam o que lhes parecer mais tocante, mais convincente. Pela manhã entreguem-me as cartas. Lerei e resolverei. Tenho dito.

E sahiu, deixando-os como que feitos pedras.

IX

E cada qual se fechou no seu quarto, escrevendo toda a noute, até que a aurora os surpreendeu.

Mais de cem folhas de papel se inutilisaram n'esta vigilia febril.

X

De manhã, quando sahia, já a rapariga encontrou á sua porta o poeta, que lhe entregou a carta e deitou a fugir pela escada a cima. Era uma longa poesia.

XI

No andar inferior esperava-a Armando, que lhe entregou a sua carta tambem. Era o *pendant* em prosa da poetica epistola de Fabio. Junto offereceu-lhe elle tambem um *bouquet* de rosas brancas que ella acceitou. Depois, como o poeta, o tenente correu a fechar-se no seu quarto.

XII

Quando Celia ia para sahir, o porteiro entregou-lhe uma terceira carta.

XIII

Inutil é dizer-se da anciedade do poeta e do tenente durante aquelle longo dia.

A's seis em ponto, sahiram dos seus quartos e, pela primeira vez na vida, trocaram um olhar sombrio, odiento quasi:

Celia appareceu. Deslumbrante! Os dous correram para ella.

— E então? — murmuraram, trementes.

— Bellissimos os seus versos, Fabio, mas não comprehendo essa linguagem. Lindas as suas rosas, Armando, mas a sua prosa deixou-me gelada. Não dou a preferencia a nenhum.

— Mas... onde vae assim vestida?

— A casa de alguém que tambem me escreveu esta manhã. Ahi têm a carta. Merece uma boa resposta.

E apresentou-lh'a.

Era apenas o recibo secco e formal do aluguer da sobreloja, passado em nome de Celia.

Junto estava um cartão do sr. ISAAC GOLDMISHEIM, *banqueiro*.

O tenente e o poeta curvaram a cabeça, em silencio, e a florista desceu vagarosamente a escada sem se dignar voltar a cabeça.

.....

Trad. de Eduardo de Souza.

Gramont.

Curiosidades

Não são só as mulheres que têm o privilegio de lhes crescerem desmesuradamente os cabellos. Um operario de Montluçon, chamado Luiz Coulon, possui uma barba do comprimento de 2<sup>m</sup>,32 centímetros. Conta elle que se barbeava aos doze annos e aos quatorze possuia já uma barba de 30 centímetros. Coulon, ás vezes traz a barba apanhada no braço como um sobretudo, outras enrolada no pescoço como um longo *cache-nez*. Já o quizeram contractar para o expôr ao publico, mas Coulon, que é um operario modesto e muito digno, tem recusado sempre.

A Associação Britannica recebeu a seguinte comunicação de M. F. Green. Refere elle que fitando durante alguns instantes uma lampada electrica, d'arco, com a força de 3:000 velas, collocada a pequena distancia, fechou os olhos durante alguns segundos, dirigindo depois a vista sobre uma placa photographica collocada a distancia de 1 a 2 centímetros. Obteve assim sobre esta uma imagem muito distincta do arco electrico, dos dois carvões e do reflector.

Estas experiencias não têm dado resultado com lampadas mais fracas, sendo portanto muito prejudiciaes á vista. Em todo o caso é uma experiencia photographica muito curiosa.

Foi descoberta ha já algum tempo uma nova materia para substituir o vidro. Eis sobre as suas applicações alguns detalhes interessantes:

A nova substancia translucida foi adoptada em varios estabelecimentos publicos de Londrès, e os resultados obtidos são muito satisfactorios; entre outras vantagens, cita-se a flexibilidade, que é tal que se pôde dobral-a como couro, ou submettel-a impunemente a uma forte tracção.

E' tão transparente como o vidro, d'um bello amarello ambarado, variando de tom segundo a luz. Esta substancia compõe-se d'um tecido de fio de ferro muito fino, cujas malhas tem um quarto de pollegada pouco mais ou menos; essa malha é revestida, dos dois lados, d'um verniz translucido com base d'oleo de linho, sem gomma ou resina, de sorte que, quando está secco, pôde supportar a acção do frio ou do calor. Para fabricar esta imitação do vidro, mergulha-se o tecido de ferro n'um vaso cheio de verniz, deixa-se seccar depois, e renova-se a immersão até que a materia tenha attingido a espessura desejada, isto é, renova-se umas dez ou doze vezes.

A amnesia é uma doença muito curiosa que pôde tomar differentes fôrmas. Uma das mais notaveis é o esquecimento das palavras. Consiste em perder a faculdade de comprehender as pala-

bras escriptas ou impressas, continuando porem a vel-as. Ficam para o amnesico verdadeiros traços sem significação. Vê-os mas não os comprehende. Continúa no entanto a comprehender o sentido das palavras falladas. Tem por isso de aprender a ler de novo. Experiencias recentes feitas na clinica de Paris permitem prever que brevemente se curará completamente esta singular doença. Até agora escapava a todos os medicamentos.

Recreações

N.º 20

PROBLEMA

Se de um numero se subtrae 23 e se se multiplica o resto por 24 reconstitue-se o numero. Pergunta-se — que numero é?

N.º 21

PROBLEMA

Um numero é formado por 6 algarismos, o primeiro dos quaes é 4. Como se pôde obter um numero trez vezes maior pela simples transposição do primeiro algarismo?

As soluções serão publicadas no n.º 12.

Respostas e solução correspondentes ao n.º 8

N.º 16 — (Pergunta curiosa)

O jogo mais difficil é o jogo do páo. E é tambem o mais util: duas cacetadas são muitas vezes a melhor resposta para uma insolencia.

Leiria, 31 — 8.º — 89. *Um pacato.*

O gamão é o jogo mais difficil e o mais transcendente.

Faro. *P. L. (pharmaceutico.)*

O jogo mais difficil? Não sei. O mais facil é o das casas de batota por essas praias de Portugal: — portas abertas, salas mobiladas luxuosamente, serviço gratuito de refrescos, gabinete de leitura, as auctoridades administrativas e judicias abancando ao lado dos batoteiros...

Espinho. *J. L. das Neves.*

Que pergunta, am.º Ralf. Desculpa que te diga, a tua pergunta é muito... muito exquisita. Em todo o caso sempre respondo: — cá n'este mundo o mais difficil é jogar com fuego.

Regoa. *C. de L.*

*Jogar de porta é difficil! Que atrapalhações!...*

Coimbra. *Um caloiro.*

Jogo franco, cartas na mesa — é sempre o jogo mais difficil... e o mais raro...

Fornos d'Algodres. *P. N.*

O jogo mais difficil é o wist. E' esta a minha opinião.

Caldas de Vizella. *Conselheiro Accacio.*

N.º 17 — (Problema-enigma)

Sejam: x, y, z, os tres numeros;  
 c, u, os algarismos significativos da sua somma;  
 c', d', u', os algarismos da somma obtida pela 1.ª parte da 2.ª combinação;  
 m', m'', m''', os multiplos da unidade representada pela palavra em questão;  
 m<sub>1</sub>, m<sub>2</sub>, os sub-multiplos.

Sendo, pela 8.ª combinação, y = z = c' = d' = u', teremos:

$$\left. \begin{aligned} x + 2y &= 100c + u \\ c + u &= m' \\ \frac{1}{5}x &= 100y \\ 30y &= m'' \\ \frac{7}{10}x + 15y &= m''' \\ 10c + u &= \frac{m''' - 1}{m'} \\ 4c + 2u &= m_1 \\ 3x - 60y &= m_2 \\ \frac{1}{10}x + 10y &= \frac{m_2}{m_1} \end{aligned} \right\} 1.º \dots$$

2.º...  $c^2 - \frac{3199}{2008}c - \frac{34205}{2008} = 0$ , d'onde  $c = 5$ .

3.º...  $x = 500 = D, y = 1 = I, z = 1 = AS$ .

4.º... A palavra é portanto DIAS.

5.º... O DIA é a unidade da medida do tempo. Os multiplos são: a semana, o me7, o anno. Os sub-multiplos: a hora, o minuto.

Figueira da Foz, 18 d'agosto de 1889.

*João José Pereira Dias.*

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

# JORNAL PARA TODOS

14 de setembro de 1889



D. JOÃO I

## D. João I

Se ha principe que tenha gosado das sympathias do seu povo foi este um d'esses. Filho bastardo de D. Pedro I, elevado por seu pae á dignidade de grão-mestre de ordem d'Aviz, deu sempre taes provas de independencia e de integridade de caracter, que no memoravel dia em que elle, no proprio palacio da rainha, e quasi á sua vista, apunhalava o conde Andeiro, o povo corria logo a libertal-o, a proclamal-o como o seu salvador.

Esta scena, verdadeiramente tragica e medieval, mostrava já de que resoluta coragem e de que encendido patriotismo não seria dotada a alma do futuro rei. D'isso deu elle prova em varias occasiões, como foi na batalha d'Aljubarrota em que pelejára corpo a corpo com o inimigo, como foi na vespera da partida para Ceuta, n'essa tragica noite em que o animo valoroso do grande monarcha pareceu vacillar vencido pela dor, para recobrar no dia seguinte toda a antiga energia.

O reinado d'este principe tão insigne, tão grande e ao mesmo tempo tão sympathico, parece feito de proposito para reunir n'uma synthese brilhante a alma, o caracter do Portugal antigo, independente, leal, conquistador, guerreiro, heroico, navegador. Cada uma d'estas grandes qualidades encontra o seu heroe, quando não é o mesmo que se exalta por ellas todas. E' o famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, é o grande jurisconsulto João das Regras, é Mem Rodrigues e Ruy de Vasconcellos, chefes da ala dos namorados na batalha d'Aljubarrota, é Gonçalo de Macedo que salvou a vida d'El-Rei n'essa batalha, são os *doze* que foram a Inglaterra defender a honra das damas insultadas, e finalmente esse grupo d'infantes que a historia ha de lembrar eternamente com a designação *dos filhos de D. João I*.

Como se á gloria d'este monarcha não bastasse a maneira honrosa como elle conquistou a corôa no campo de Aljubarrota, foi ainda no seu reinado que se commetteu o maior e o mais fecundo feito d'aquelles tempos, a expedição a Ceuta. Os preparativos da viagem, o segredo que d'ella se fizera, as conjecturas que se formaram, a ancia dos infantes, a insistencia do rei, a doença da rainha, a morte d'ella na vespera da expedição, quando tudo se achava armado, equipado, ataviado, embandeirado, e mil outros incidentes da viagem, tudo fez constituir d'este assumpto um dos mais bellos e mais caracteristicos trechos da nossa historia.

A expedição de Ceuta e a tomada d'esta cidade, é o primeiro canto da vasta epopeia da navegação portugueza. «Ceuta, escreve um historiador estrangeiro, foi para os portuguezes o ponto de partida para conquistas remotas na costa d'Africa, e a tomada d'esta cidade, que encheu de jubilo e admiração todos os Estados christãos do Mediterraneo, devia produzir depois vastos projectos, grandes empresas, prodigiosas façanhas. Um novo campo estava aberto, o espirito e a actividade da nação recebia uma direcção nova. Desde

então os portuguezes só fallaram d'expedições maritimas; Ceuta foi a primeira argola da longa cadêa, que maritimos portuguezes estenderam em torno da costa d'Africa, e a ultima, sellada d'ouro, tocava no paraizo da India.» Foi depois d'essa gloriosa expedição que o infante D. Henrique voltou a Portugal coberto de louros e veio fundar a celebre escola de Sagres, cujo resultado e cuja influencia no futuro da nação e da humanidade são conhecidos de toda a gente.

Do caracter de D. João I sabe-se que era um espirito recto e justiceiro e um coração leal e cheio de affecto. Prova-o a profunda amizade, de que sempre deu prova, por aquelles que o rodeavam, como era a sua mulher D. Filippa de Lencastre, os seus filhos, o condestavel, os seus amigos, a que elle tratava quasi de igual para igual, mais como homem, do que como rei soberano que era. E do caracter do rei participou a corte, participou o povo, participou a nação, que era leal, honesta, varonil, corajosa e cheia de fé, á semelhança do seu rei.

L. R.

## As Impuras

Algumas d'ellas são d'um loiro vivo e forte,  
Braços esculpturaes e a carne branca e ardente...  
Não teem pae nem mãe! e caminham sem norte,  
De miseria em miseria, a rir, cynicamente.

Outras vivem chorando o seu viver doente  
Ao vento, á chuva, ao frio, á neve, ao crime e á sorte!  
Pobres almas sem luz consoladora e quente,  
Buscando a cada instante os hospitaes e a morte.

Causa-nos pena, emfim, ver esses tristes lyrios,  
Procurando esquecer os mais crueis martyrios  
E entregando a quem passa os ultimos encantos.

Coração da mulher, eterna primavera!  
Marion Delorme eu choro a tua dor sincera...  
Oh! Magdalena, eu beijo os teus cabellos santos...

Xavier de Carvalho.

## A Torre Eiffel illuminada com fogos de Bengala

A Torre Eiffel é já agora o maior attractivo da Exposição; e merece sel-o, pelo esforço de talento e de trabalho que a sua execução representa. No meio do conjuncto de maravilhas que se chama a Exposição de Paris, a Torre Eiffel sobresa e como o grande monumento da industria moderna, como a obra em que todas as grandes descobertas industriaes do seculo das luzes obtiveram a mais completa e a mais significativa applicação.

Pela sua altura, pelo seu prodigioso effeito decorativo, a Torre Eiffel é ainda, a olhos impressionaveis d'artistas, um monumento phantastico, di-

gno d'um conto de Poe, ou d'um romance de Julio Verne. Immensa como é, quasi até meio encoberta nas nuvens (como ás vezes acontece), a Torre Eiffel deve suggerir qualquer coisa d'um enorme e extranho combate entre o homem e o Padre Eterno, e de que o homem, ao fim d'um lento rodar de seculos, acabasse por sair triumphante. Victor Hugo, se vivesse, talvez fizesse d'isto um poema. E felicissimo foi o nosso chronista Xavier de Carvalho, quando n'uma das suas mais inspiradas poesias, chamou á Torre Eiffel a *espinha dorsal da Humanidade*.

Pois bem: a nossa gravura (reprodução exacta d'uma photographia feita por M. Maurice Garin em 6 de maio) representa a grande Torre, illuminada a fogos de Bengala, expedindo de si fulgurantes raios de luz, tornando visivel a sua *silhouette* esguia uns poucos de kilometros em redondo. Calcule-se o effeito imprevisito que esta illuminação deve produzir. Em baixo, os pavilhões estrangeiros, as ruas, os jardins, os jogos d'agua, assumem aspectos multicores, irrisados de luz. Sente-se a gente embriagado, como fóra da terra, n'algum paiz de fadas delineado em contos das *Mil e uma noites*.

Leitor: se queres levar d'este mundo alguma ponta de saudade, se queres ter a noção, clara e nitida, do que seja o Progresso e do que seja a Civilisação; tira-te de teus cuidados, e vae a Paris: sôbe até á primeira, até á segunda, até á ultima plataforma da Torre, encanta-te com o largo panorama que d'ali has de divisar. Depois, ás noites, contempla a Torre illuminada, tal como a nossa gravura a pinta.

E tu nos dirás depois se a Torre Eiffel não é a oitava maravilha do mundo.

M. P.

### Murmurios da tarde

Écoute! tout se tait; songe à ta bien aimée,  
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,  
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux;  
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature  
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,  
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

A. DE MUSSET.

Rosa! Rosa de amor purpurea e bella.

GARRET.

Hontem á tarde, quando o sol morria,  
A natureza era um poema santo.  
De cada mouta a escuridão saía,  
De cada gruta rebentava um canto,  
Hontem á tarde, quando o sol morria.

Do ceu azul na profundeza escura  
Brilhava a estrella, como um fructo louro,  
E qual a fouce, que no chão fulgura,  
Mostrava á lua o semi-circl'o d'ouro,  
Do ceu azul na profundeza escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!  
Cantava o ninho — suspirava o lago...  
E a verde pluma dos subtis palmares  
Tinha das ondas o murmurio vago...  
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia immensa,  
Vago concerto de saudade infinda!  
— Sol! não me deixes, diz a vaga extensa.  
— Aura! não fujas, diz a flor mais linda;  
Era dos seres a harmonia immensa!

— Leva-me! leva-me em teu seio amigo —  
Dizia ás nuvens o choroso orvalho,  
— Rola que foges! diz o ninho antigo,  
— Leva-me ainda para um novo galho...  
Leva-me! leva-me em teu seio amigo. —

— Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!  
— Inda um calor, antes que chegue o frio... —  
E mais o musgo se conchega á penha  
E mais á penha se conchega o rio...  
— Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha! —

E tu no entanto no jardim vagavas,  
Rosa de amor, celestial Maria...  
Ail como esquiava sobre o chão pisavas,  
Ail como alegre a tua bocca ria...  
E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrella transformada em virgem!  
Eras um anjo, que se fez menina!  
Tinhas das aves a celeste origem,  
Tinhas da lua a pallidez divina,  
Eras a estrella transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto,  
Que bella rosa! que fragancia meiga!  
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,  
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...  
Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,  
Ouvi que a rosa murmurava ardente:  
— Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,  
Guarda-me, ó bella, no teu seio quente... —  
E eu escutava o conversar das flores.

— Leva-me! leva-me, ó gentil Maria! —  
Tambem então eu murmurei scismando...  
— Minh'alma é rosa, que a geada esfria...  
Dá-lhe em teus seios um asylo brando...  
Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!... —

Castro Alves.



DR. ANTONIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELLOS  
Lente de Theologia na Universidade de Coimbra

### Officinas no Collegio dos Orphãos de Coimbra

(CONCLUSÃO)

São trez as officinas que a Misericordia iniciou para o ensino exclusivo dos seus collegiaes: de sapateiro, alfaiate e encadernador. Apoiadas sobre a escola de desenho, que é dirigida por um professor do mais elevado criterio e competencia, a sua organização, aliás inspirada por um nobre e generoso sentimento, de certo não attingiu ainda a sua forma definitiva e completa.

Passado o periodo das experiencias, estas officinas, por enquanto rudimentares, amparadas na boa vontade e lucida intelligencia das gerencias subsequentes, deverão sem difficuldade ser convertidas n'um importante asylo de laboriosos e intelligentes artifices, bem instruidos e moralizados.

\*

N'um relatorio da administração da Misericordia, publicado em 1878, pelo provedor o fallecido dr. Luiz Albano, encontra-se um capitulo de profunda observação com a descripção imparcial e vigorosa do que era a educação n'aquella casa; e das deformidades deprimentes de que tudo aquillo enfermava.

— «Os orphãos só aspiram a doutores, as orphãs a senhoras. E d'ahi tem nascido certo descredito para os orphãos, que chegam á idade de sahir dos collegios, sem estarem habilitados para

nenhum destino social, e por isso ninguem quer tomal-os ao seu cuidado.»

— «Mas por um lado a creança, que se não tem acostumado ao trabalho, difficilmente se sujeita a elle em casa dos patrões ou mestres; e d'ahi o descredito da instituição, e a difficuldade da acceitação.»

A respeito das orphãs o quadro não é menos sombrio e lastimoso.

A mesa sentia desejos e iniciativa para uma reforma radical; — «dirigindo a educação e a instrução de fôrma, que aquellas creanças, entradas que fossem nos 16 ou 17 annos, podessem ter um destino certo, que lhes assegurasse um futuro feliz e honrado.»

Mas acrescenta:

— «Não podiamos, porem, revogar as disposições da lei organica, que rege a casa.»

Todavia uma louvavel tentativa foi feita, ao que parece, com pequeno resultado.

A feição monachal e fradesca das beccas e dos barretes reflectia-se nos costumes.

— «Parece-nos que os orphãos gastam diariamente horas de mais a rezar, e de menos a estudar; tão repetidos exercicios na capella os familiarisam por tal fôrma com aquellas obrigações, que elles acabam por não lhes ligar importancia alguma.»

E' assim que falla na sinceridade do seu criterio um homem insuspeito, cujas palavras merecem inteira fé.

Não admira pois que a mão ousada que cahisse sobre o veneravel deposito das obsoletas e tradicionaes usanças levantasse os clamores ineptos que, não achando atmospheria para repercutir-se, em echos de justiça, tiveram de emmudecer.

\*

Depois da longa catalepsia dos governos portuguezes, se é que agora solicitamente se empenham na solução do formidavel problema da elevação da intelligencia operaria, o que se torna desde já indispensavel são as providencias legislativas que regulem a organização e desenvolvimento harmonico da acção e da propaganda que em favor da instrução do trabalho se vae suscitando.

Sem essa subordinação a um plano superior os esforços exulados poderão degenerar em elementos dissolventes e perturbadores para o grande fim da utilidade nacional.

No espirito dos homens sinceramente liberaes não podem ser indifferentes as tentativas suspeitas, que, sob apparencia caritativa e religiosa, se vão manifestando com evidentes intuitos de intervenção dominativa na officina.

Começaram no Porto, pela officina de S. José, tanto mais perigosas, quanto mais sympathicas na sua exterioridade; e algumas attentões precavidas começam a descobrir a corrente nefasta de interesses occultos eivados de reacção.

.....

Sabe-se que é a liberdade que abre o caminho aos verdadeiros progressos. Mas seria absurda a

aplicação absoluta d'este principio. Resta saber qual ha de ser n'esse ensino, livremente ministrado, a funcção previdente e auxiliar que o estado tem de representár perante esse movimento que tanto importa á prosperidade publica.

E é esta uma das faces não menos interessante da questão.

\*

O pensamento que presidiu á criação das officinas da Misericórdia e o ponto de vista em que foram concebidas algumas modificações pela mesa transacta claramente demonstram o sentimento liberal que as inspirou.

N'este paiz em que os interesses ligados á rotina, acobertando-se com o respeito esteril das *conveniencias*, têm um predomínio tão accentuado sobre todos os factos da vida publica é um acto de civismo applaudir todos aquelles que têm a coragem de abraçar as ideias do seu tempo e de dedicar um pouco de abnegação e actividade em favor d'este movimento constante e progressivo da civilização e do aperfeiçoamento dos individuos e das instituições.

Quando porém a acção benefica d'esses cidadãos tem por fim a elevação educativa da mocidade, d'onde depende o futuro nacional, contribuindo para a maior cultura da intelligencia e das aptidões, o louvor não é simplesmente a adhesão de sympathia, é mais do que isso: — um dever de gratidão para com esses homens generosos, que infelizmente rareiam.

E' obedecendo a esta ordem de ideias que, tendo já offerecido no numero passado o retrato do provedor, agora completamos esta modesta homenagem pela publicação do retrato do escrivão da mesa, o sr. dr. Antonio de Vasconcellos.

A. G.

### Numero fatal

De madrugada. Uma negra candeia fumarenta dava á mansarda uma meia claridade ennevoada. A um canto, estirada sobre a cama de bancos, uma mulher, cujo vulto mal se distinguia, como se em vez d'um corpo a colcha desbotada e suja envolvesse os contornos subtis d'um espectro, parecia dormir. O vulto accentuava-se mais e mais: o espirito absorvia a materia, dissolvendo-se a carne em cadinho mysterioso. O mecanismo vital parecia proximo a parar. A tuberculose e a fome iam matar essa mulher, em cuja face pallida, d'uma magreza diaphana, se distinguiam traços d'uma formosura melancolica, como reflexos de sol, no azul, em cahir da noite de outomno. A fome havia-lhe alargado as orbitas, imprimindo ao olhar uma expressão triste de pasmo. Com

as mãos finas de longos dedos afilados affastava ou conchegava febrilmente, a intervallos irregulares, a colcha desbotada e suja, enquanto que pela face dos vidros da pequena janella, — compadecidos, talvez, de tanta miseria, — deslisavam silenciosamente pequeninas lagrimas, similhando perolas.

Lá fóra, um opaco nevoeiro frio, — amplo manto de gaze pardacenta, — envolvia mollemente nas suas dobras flexiveis a cidade adormecida.



A TORRE EIFFEL illuminada a fogos de Bengala, segundo uma photographia tirada em 6 de maio

Sentado junto da cabeceira, um homem, o marido, fitava-a assustado, n'uma raiva dolorosa, ferindo-se nos labios.

— Dormes? perguntou, inclinando-se.

— Não, ciciou ella n'um suspiro. Esta dôr não me deixa dormir.

E apontava para o peito, d'onde a fome, para ludibriar-se, arrancava até ao estomago farrapos de carne e gottas de sangue, pobres restos d'aquella natureza empobrecida.

Sobre o pequeno fogão de barro fervia um caldo, esmola d'uma vizinha caritativa. Era talvez o ultimo que ella tomaria. Elle tirou-o do lume, 1

deitou-o n'uma tigella de barro e deu-o á mulher. O espectro adormeceu.

Nem ao menos o caldo caritativo, nada, nada havia para esse longo dia que ia começar. Elle sentou-se junto do leito, curvou os olhos humedecidos e assim fitou o futuro, que antevia mais negro do que a sombra projectada na parede pelo seu corpo.

Ao despontar da manhã, elle pensou em sahir e suicidar-se; mas isso seria a ultima das covardias. Lembrou-se então de esquadrihar os recantos da mansarda — talvez achasse alguma coisa. Alli nada mais havia do que a espuma da miseria: farrapos, boccados de loiça, pedaços de papel enodados de gordura. Ao tactear o fundo da caixa de pinho, comida pelo caruncho, os seus dedos tocaram n'um papel cuidadosamente dobrado: alguns tostões, o thesouro da pobre moribunda, accumulados real a real, representavam prodigios de economia.

Approximou os seus labios dos labios da mulher, — fanado lyrio branco entreaberto, — e desceu á rua, onde o alegre brouhaha rumorejante da cidade que acordava, fazia rude contraste com o silencio pesado e triste da mansarda, apenas cortado, de quando em quando, pela respiração sibilante da doente.

O entrechocar secco de dinheiro que alguém contava, fel-o voltar a cabeça e parar á porta de uma loja, onde se acotovellava muita gente. Era uma casa de loterias. Á porta, fixado na parede por meio d'um gancho ferrugento, destacava-se uma pequena taboleta, em cujo fundo vermelho se lia o seguinte distico, pintado em grossos caracteres brancos: — *Amanhã anda a roda.*

Talvez uma inspiração diabolica, mas o certo é que esqueceu o motivo da sua sahida — comprar pão para o espectro da mansarda — esqueceu que aquellas moedas, apertadas febrilmente nos seus dedos cobertos de suor frio, representavam outros tantos dias de victoria sobre a fome. Ia talvez commetter um crime, assassinar. Tudo esqueceu.

E entrou.

Deram-lhe um decimo, o numero 13. Vacillou um momento; depois dobrou-o em quatro e guardou-o no bolso do collete.

O numero 13! — a Fatalidade mascarada em dois algarismos; — mas elle provocava essa fatalidade como um desesperado, ella devia intimidar-se com tanta coragem...

Voltou á triste habitação. A noite passou-a elle n'uma vigilia inquieta, fitando febrilmente o pobre espectro, cuja respiração, ora sibilante, ora cavernosa, cortada por pequenos accessos de tosse secca, lhe dava ás feições estremecimentos de terror.

E a aurora, ao deslizar subtilmente por sobre aquella scena de dor, foi surprehendel-o com os olhos esgazeados. Então, elle cerrou-os, recean-

do que a doente, ao despertar, lhe lêsse n'elles o que havia feito na vespera.

\*  
\* \*

Na rua, um garotito esfarrapado, distribuía, correndo, o telegramma da casa de loterias. Elle fitou-o anciosamente, faminto de ver... Não se tinha atemorizado a Fatalidade com a sua coragem. O numero 13 não estava na lista. Tirou do bolso os tostões convertidos em letra sobre uma fortuna que se havia dissolvido como o fumo perpendicular vomitado pela chaminé da casa ali defronte, e, n'uma raiva silenciosa rasgou-a em boccadinhos, que cahiram no solo humido d'aquella rua emporcalhada, como uma nevada liliputiana.

E elle ficou a olhal-os por muito tempo, preso no solo por mão invisível, fitando com furia impotente os transeuntes indifferentes que iam esmagando com os pés enlameados os restos alvos da sua pequena fortuna, derradeira esperança de vida para aquella pobre querida que jazia lá em cima, na mansarda, separada da morte por um fio tenuissimo, invisível, prestes a quebrar-se.

Alguem, do lado, disse-lhe caridosamente:

— Porque rasga você o bilhete? Talvez esteja premiado na lista official.

A lista official! mas isso que lhe diziam não era verdade, era um absurdo incomprehensível, horroroso.

Inclinou-se, dando um ultimo olhar aos pedacitos de papel, que branquejavam ainda, e encaminhou-se depois para uma casa de cambio cambaleando como um bebado. Obcecado por uma duvida horrível, foi, tremendo, que elle perguntou se o numero 13 estava premiado.

— Que sim, com o primeiro premio, informou o empregado, que os telegrammas estavam errados.

\*  
\* \*

— Bruto! — gritavam-lhe com rudeza os que elle empurrava, inconsciente louco, de dor, a caminho de casa.

Os pedacitos de papel haviam desaparecido na lama.

Elle subiu e o espectro, ao vel-o, suspirou: — Tenho fome.

Então, cahindo de joelhos, uniu os seus aos labios d'ella, e, com um beijo mudo e longo, fel-a calar, como se quizesse dar-lhe a vida que havia confiado á Fatalidade e esta lh'a roubára. Quando horas depois, noite cerrada, ella expirava, pela face dos vidros da pequena janella — compadecidas, talvez, do aniquilamento d'aquelle pobre ser, — deslisavam silenciosamente pequeninas lagrimas similhando perolas, enquanto que, lá fóra, um opaco nevoeiro frio envolvia mollemente nas suas dobras flexiveis a cidade adormecida...

Alberto Sararus.

### Trovas populares

—Pastorinha: quem te deu  
esses brincos das orelhas...?  
—Deu-m'os minha mãe em paga  
de lhe guardar as ovelhas.

\*

Hontem, á noite, faltaste  
ás cantigas do serão;  
quando lá todos cantavam  
chorava o meu coração!

\*

Fui á fonte encher a bilha,  
Nas escadas me sentei;  
em quanto a agua corria,  
c'o meu amor conversei.

J. A. Ferreira da Silva.

### Curiosidades

Uma casa de Munich construiu uma carruagem de rodas movida por uma machina que funciona por meio da benzina ou d'outro liquido analogo. O motor, que não se vê completamente, está collocado sobre o eixo das duas rodas de traz e a benzina está n'um recipiente de cobre alojado debaixo do assento. O recipiente contem benzina sufficiente para que a carruagem possa andar todo o dia e percorrer um trajecto de 75 milhas. Uma vez bem regulada a admissão do gaz, o motor pôde ser posto em acção por um simples movimento de uma alavanca de mão. O movimento é dado por uma cadêa sem fim que arrasta uma rodinha fixa sobre o eixo das rodas. A velocidade do motor pôde ser augmentada ou diminuida á vontade, movendo a alavanca para diante ou para traz. Este tricyclo mechanico pôde attingir uma velocidade de 10 milhas por hora, gastando uma pequena quantidade de benzina.

O valapuk é uma lingua de criação recente, inteiramente convencional, que tem por fim facilitar a correspondencia internacional, offerecendo ás diversas nações, fóra do seu idioma proprio, uma linguagem commum intelligivel para os nacionaes dos diversos paizes.

Este systema, que teve um momento de reclame muito mais do que voga real, apresenta o inconveniente de ter de ser aprendido antes de qualquer poder servir-se d'elle. Ha n'esta ordem de ideias coisa melhor a fazer. E' a opinião de M. Manuel Catalan que publica na *Revista Scientifica* um artigo muito original sobre um processo da sua invenção, consistindo no emprego d'um dicionario em que cada palavra seria numerada de modo que se encontrasse sempre na mesma linha expressões equivalentes.

Este systema foi já indicado por M. A. Rienzi; mas M. Catalan aperfeçoou-o e tornou-o mais pratico. Resta saber se será adoptado, visto que, n'estas questões de lingua universal a questão não é de ter uma ideia, mas de fazel-a aceitar pelos outros.

Um jornal allemão diz que hão de fazer-se brevemente em Krasnoie-Selo, no acampamento da guarda imperial, experiencias d'um novo fardamento impermeavel, para os soldados, inventado por M. Tchatchine, sargento-mór da 12.<sup>a</sup> companhia do regimento Secrenoski da guarda imperial.

O fardamento consiste n'uma blusa, calça de cavallaria e botas de sola de coiro. Este fardamento é embebido d'uma composição que é segredo do inventor.

A experiencia far-se-ha durante as manobras, por occasião da passagem dos rios, lagos e pantanos.

Na ultima conferencia sobre a origem da linguagem humana estudada por meio do phonographo, e das novas pesquisas sobre as localisações cerebraes, o dr. Pinel poude realizar uma das mais interessantes experiencias sobre o sujeito hypnotisavel.

Com o fim de provocar o somno lethargico pela suggestão, o phonographo tinha sido preparado de maneira que podesse repetir tres vezes a intimação de dormir, pronunciando—*dormi, dormi, dormi*.

Poucos instantes depois o individuo cahia em estado de lethargia provocada.

Depois de numerosas experiencias sobre a linguagem foi feita uma suggestão sobre o individuo por meio do phonographo para despertal-o.

Esta applicação do phonographo demonstra que o pretendido fluido magnetico dos hypnotisadores é muito problematico e que é nas perturbações nervosas inherentes aos individuos, que se deve procurar toda a série dos phenomenos hypnoticos, como M. Pinel tinha procurado estabelecer.

A linguagem humana apenas se resume em impressões phoneticas *auditivas*, o phonographo parece diminuir singularmente o papel das cordas vocaes cuja intelligencia estava ha muito estabelecida.

A espingarda Lebel, adoptada em 1886 pelo estado-maior francez para o exercito da florescente republica e cujo nome official é Tramond Lebel, possui não só uma enorme força de penetração, mas a bala produz effeito á distancia de mais de mil e quinhentos metros.

O cartucho pesa 14 grammas e 7 decimas e o soldado pôde transportar 118, mais 30 do que os que podia transportar da espingarda Gras.

Além d'isso as equipagens do regimento dispõem de uma reserva de 130 cartuchos por homem antes de recorrer ás munições dos parques.

A trezentos metros de distancia a bala Lebel atravessa uma prancha de carvalho d'um metro de espessura, a mil metros atravessa dois cavallos emparelhados ou quatro homens collocados uns atraz dos outros.

Como se vê é impossivel inventar uma arma verdadeiramente superior á nova espingarda do exercito francez.

Não se sabe por ora qual o numero de espingardas que têm sido distribuidas ás tropas, pois o ministerio da guerra ainda não publicou informação alguma a tal respeito; no entanto consta que as fabricas entregam diariamente aos arsenaes mais de um milhar e que os corpos de exercito das fronteiras a possuem ha muitos mezes.

Para a execução de um grande festival, que se ha de realizar na sala das festas do Trocadero, foram escolhidas 850 creanças de entre as 8:000 que em Paris estudam musica nas eschololas municipaes do departamento do Sena.

Segundo o Anuario dos *Archivos Israelistas* existem na Europa 5.400:000 judeus espalhados pelos diferentes paizes na proporção seguinte: França 63:000; Allemanha 562:000 (Alsacia-Lorena 39:000); Austria-Hungria 1.644:000 (Galicia 688:000, Hungria 638:000); Italia 40:000; Paizes Baixos 82:000; Rumania 265:000; Russia 2.552:000 (Polonia russa 768:000); Turquia 105:000; outros paizes 35:000 (Belgica 3:000, Suissa 7:000, Bulgaria 10:000, Dinamarca 4:000, Hespanha 1:900, Gibraltar 1:500, Grecia 3:000, Servia 3:500, Suecia 3:000). A Africa tem 300:000 judeus (8:000 no Egypto, 55:000 na Tunisia, 35:000 na Argelia, 60:000 em Marrocos, 6:000 na Tripolitana, 200:000 na Abissinia). A America conta 250:000 (Estados Unidos 230:000). Na Oceania apenas ha 12:000. Total da população no mundo 6.300:000 individuos.

Toda a gente tem visto ou pelo menos tem ouvido fallar dos vendedores e balanças automaticas, apparatus que mediante a introdução por uma pequena fenda d'uma moeda de 20 réis, dão o peso d'uma pessoa ou offerecem um numero de um jornal. Tinham porém o defeito de não restituir o dinheiro no caso do apparatus não funcionar bem. Esse inconveniente foi obviado por M. M. Davies e Faustel, cujo apparatus, n'esse caso, restitue a moeda.

Quando até aqui se concordava geralmente em condemnar o uso do tabaco, apparece agora um medico italiano que, tendo procedido a longas observações, conclue que ninguem deve abandonar o vicio de fumar e até pelo contrario aquelles que o não têm o devem contrair. Diz elle que o tabaco é um preventivo efficaz contra certas enfermidades, tendo uma acção mortifera sobre os microbios que as

determinam. E quando não os mate, pelo menos retarda muito o seu desenvolvimento. De resto, isto não é grande novidade: um distincto lente da Universidade de Coimbra costuma dizer sempre que sae d'uma sala quente: — o melhor cache-nez é um cigarro.

Extraordinaria a quantidade de ovos que se consomem em Inglaterra: — sóbe a mais de doze mil contos a importancia dos ovos importados por essa nação durante o anno de 1888, e essa importação não representa mais de 35 por cento do consumo. Entre os fornecedores tem o primeiro logar a França; seguem-se-lhe a Allemanha, a Belgica e a Italia.

Ha em França 79:145 eschololas primarias, não incluindo n'este numero as eschololas maternas, que são 5:741.

O numero de alumnos inscriptos em todas as eschololas primarias publicas, particulares, congreganistas, etc. (exceptuando as eschololas maternas) subiu em 1888 a 5.531:229.

## Recreações

Decifrações correspondentes ao n.º 9

N.º 18 — (*Problema*)

Supponham-se as 8 cartas numeradas de 1 a 8; — colloca-se a 5.ª sobre a 2.ª, a 3.ª sobre a 7.ª, a 4.ª sobre a 1.ª e a 6.ª sobre a 8.ª.

N.º 19 — (*Problema*)



Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

21 de setembro de 1889

## O Niagara

A cataracta do Niagara é situada no rio do mesmo nome, na America do Norte, entre New-York e o Alto Canadá. Perto da ilha Navy a distancia de 4 kilometros, onde a corrente começa a ser mais rapida, admira-se a cataracta, que passa pela mais linda do mundo.

A altura perpendicular d'esta maravilhosa queda d'agua é de 50 metros, e calcula-se que a columna liquida desce a uma profundidade de 60 pés. A cataracta é dividida em duas partes pela ilha d'Iris ou Goat-Island coberta de lindas arvores; a parte occidental é a mais consideravel e tem a fórma de ferradura; a outra é ainda dividida por uma ilha.

O ruido da queda ouve-se a uma distancia de 70 a 80 kilometros; sente-se a terra tremer nas immediações.

A nuvem de vapor que se eleva acima do precipicio pôde ver-se á distancia de 120 kilometros; este vapor cae no inverno, sobre os ramos das arvores visinhas, e ahi se congella produzindo crystallisações da mais extraordinaria belleza.

Um notavel pensador francez a respeito da altura enorme d'esta cataracta, diz que o rio parece despenhar-se das nuvens. Um outro chama-lhe «uma columna de agua do Diluvio».

Entre as duas quedas d'agua está edificada uma torre, sobre um rochedo, d'onde se pôde admirar o assombroso espectaculo.

Do cimo d'esta torre, que treme constantemente com a commoção do solo, desdobra-se ao nosso olhar a toalha d'agua que cae no vacuo, e que se expande um pouco mais longe ao longo da

parede semicircular dos rochedos, assim como a tromba de vapores que sae da profundidade invisivel e atoadora das aguas.

Deixando esta torre, para dar a volta á ilha que divide as aguas do Niagara, logo o ruido a transforma n'uma agitação surda semelhante a um vulcão prestes a rebentar.

O ruido da cataracta ao cair é tão grande que parece o ribombar de muitos trovões; por isso os indios deram a este logar o nome de Niagara que quer dizer — *trovão das aguas*.

L. R.



O NIAGARA

## O missionario Barrozo

Destaca-se do grupo glorioso dos servidores da civilisação a figura sympathica e honesta de este Padre que, a uma larguissima e generosa devotação pela evangelisação da ideia christã no continente africano allia em subido grau a illustração superior de um missionario tão intelligente que arranca ás doudas assembleias que o tem ouvido aqui na Europa o applauso sincero á sua palavra entusiasta e eloquentissima e á sua ideia tão nobre que chega para honrar e levantar uma classe, tão grande e tão benefica que suavisa e accende adentro das paredes cerebraes d'aquelles pobres africanos a poderosa luz da civilisação.

Atravez da corrente sceptica, o descrente e pessimista que borda tão maldosamente a bandeira triumphante do nosso seculo, eu vejo com orgulho nacional levantar-se do meio da Africa, ao som de victoriosas acclamações que vibram com toda a intensidade até dentro dos paizes europeus, a voz d'este homem benemerito, apostolo d'esta cruzada duplamente sympathica á moral e á patria.

E afanoso, levando de vencida com a omnipotencia da sua dedicação os obstaculos que uma governação tolamente ignorante e cheia de preconceitos tem posto em frente do seu caminho, o Padre Barrozo vem ao meio da patria não receber a corôa merecida para os seus serviços, mas prégar no centro d'actividade governativa e no seio de todas as associações o culto, a grande veneração por aquelle gigantesco senhorio que nós todos os portuguezes temos em Africa.

E como um fanatico d'uma ideia, outro Cardeal Lavigerie, elle vem atravessando o paiz, revolucionando a opinião portugueza com a força magestosa que lhe dá a consciencia da sua illustração que lhe garantem os seus serviços e que impõe a sua batina não polluida, dizer á Sociedade de Geographia de Lisboa, ao Instituto de Coimbra, ao Atheneu do Porto e a varias associações portuguezas, que é indispensavel e a unica salvaguarda para a prosperidade do nosso paiz, para vigoramento d'este velho morgadio que se chama Portugal — a attenção dedicada para aquelle immenso emporio de riquezas que o indigena furta nos sertões aos olhos avidos dos negociadores ousados.

Para que isto acabe elle vem em propaganda das missões convenientemente cuidadas no seu presente e no seu futuro, missões em cuja prosperidade elle vê a prosperidade da patria e para a formação robusta das quaes elle tem posto em campo toda a actividade e toda a energia valorosa do seu espirito, a melhor das dedicações e a maior das vontades.

Foi para isso que a sua batina, que vale bem hoje as honras d'um condecorado, tão grandiosos são os seus serviços prestados ao engrandecimento da civilisação ultramarina se viu, longe das assembleias ignaras dos pretos africanos, no meio das reputações mais superiores de toda a sociedade portugueza.

Depois de ser um dedicado missionario do christianismo e um patriota entusiasta e exemplar é um africanista notavel. Revela nas suas luminosas conferencias o grande aproveitamento que adquiriu a sua intelligencia em contacto com aquella enorme riqueza, que a metropole abandona culposamente á sagacidade dos commerciantes hebreus e á rapacidade do leopardo britannico.

Reflecte no crystal clarissimo da sua palavra tão facil e tão insinuante a belleza soberana d'aquellas paragens onde o alvião da civilisação ainda não entrou, traduz na sua phrase impressionista, nervosa toda a exuberancia prodigiosa d'aquella vegetação monumentalmente gigantesca, toda a maravilha d'aquelles quadros em que o homem, por mais longe que viva do mundo da arte, admira e sente e impressiona-se com olhos de verdadeiro artista.

A sementeira que o infatigavel peoneiro da Africa veio trazer avaramente ao seu querido Portugal hade fructificar em abundantissimas colheitas porque callaram por toda a parte os seus sympathicos lamentos e porque desde o movimento im-

pulsionado pela coragem mascula dos intrepidados exploradores toda a gente que tem fé no levantamento e regeneração de Portugal olha só hoje para a Africa.

E' de patriota o encarecer a virtude d'este homem, é de portuguez o amar a gloria d'este nome que a historia não guardará com jubilo se nós todos não varreremos do nosso pensamento o preconceito atrazador de que a Africa só serve para degredados.

E' por isso que eu espero que o navio que reconduzir aquella bella e grande alma d'apostolo que ganha tanto para o bom nome de Portugal como a espada d'um valoroso capitão, hade marcar a esteira para todos aquelles que quizerem buscar fortuna com commodidades bem superiores ás que se encontram no imperio brasileiro.

E' por isso que ao lado de Serpa Pinto e Cardoso e Capello e Ivens e de todos os exploradores portuguezes, estes valentissimos obreiros da civilisação que em grande ou pequena escala tem trazido glorias para o nome portuguez eu saúdo e victorio o nome do Padre Barrozo que se não é um explorador como elles é um missionario como poucos.

Porto, 11 de setembro.

*Ernesto de Vasconcellos.*

## O orvalho

E' facto sabido que a nossa atmosphaera está sempre mais ou menos imprégnada de vapor de agua de que a condensação fórma as nuvens, os nevoeiros, o granizo e a neve, ha porém ainda um outro caso particular de condensação de grande interesse e belleza a respeito do qual houve por muito tempo noções erroneas, o phenomeno do orvalho.

A verdadeira theoria do orvalho é devida ao medico de Londres Dr. Wells que a deduziu das seguintes experiencias. Tomou 2 flocos de lã pesando cada um 10 grammas, expòl-os durante uma noite clara e determinou a quantidade de orvalho deposto sobre elles pelo augmento do seu peso. Bem depressa constatou que tudo o que occultava os flocos á vista do ceu empedia o deposito de orvalho: assim tendo collocado um dos flocos sobre uma prancha suspensa por quatro supportes, e outro por baixo viu em seguida a uma noite clara e calma, que o primeiro tinha ganho em peso 14 gr. e o segundo só 4 gr. Duas opiniões tinham sido sustentadas para explicar o phenomeno que indicamos; uma suppunha o deposito de orvalho produzido pelo vapor emanado da terra, outra por uma chuva fina cahida do ceu. A primeira é regeitada pela observação que descrevemos, a segunda pelo facto de ser mais abundante o deposito formado durante as noites mais claras.

Mais tarde o Dr. Wells expôz dous thermometros nas mesmas condições em que tinha exposto os filocos de lã, e observou que a temperatura baixava mais onde o orvalho cahia mais abundantemente: sobre a prancha a temperatura era inferior de 9.º grãos: uma bola de algodão collocada ao lado do primeiro thermometro soffreu um augmento de peso de 20 gr. uma similhante collocada ao lado do segundo só teve um augmento de peso de 11 gr. Vê-se pois que o abaixamento da temperatura, e o deposito do orvalho caminha parallelamente. E' ainda para notar, que não é só o abrigo formado por uma *ecran* artificial que influe sobre o abaixamento da temperatura, e formação do orvalho, as nuvens produzem o mesmo effeito.

Das experiencias referidas, e outras concebidas e executadas com uma clareza e singular habilitade conclue-se sem menor duvida, que o orvalho é resultado do resfriamento produzido pela irradiação, e explica-se muito facilmente a sua formação. A parte superior ao *ecran* natural ou artificial por cima do qual se observa o phenomeno do orvalho irradia o seu calor para as regiões do espaço, que vasio não pôde restituir calor por calor: a parte inferior em consequencia do seu pequeno poder conductor cede muito pouco do calor recebido da terra á parte superior, que recebendo muito pouco calor da atmosphera e nenhum dos corpos collocados lateralmente, se torna mais fria que o ar, e condensa em orvalho o vapor d'agua que este encerra quando é sufficientemente abundante, ou em relação com o abaixamento de temperatura produzido.

Comprovando a explicação que acabamos de apresentar observa-se como era de suppôr, que os depositos de orvalho variam muito conforme o poder radiante dos corpos: é assim que se encontra abundantemente depositado sobre a herva e madeira pintada, e nunca sobre as ruas adjacentes cobertas de areia: encontram-se perfeitamente secas as chapas de metal, e cobertos de orvalhos os corpos adjacentes; sempre a temperatura do metal superior á das substancias molhadas pelo orvalho, o que está d'accordo com a theoria exposta.

\*  
\* \*

Dos muitos factos que encontram a sua explicação n'esta theoria é curioso indicar alguns.

Deve attribuir-se ao frio devido ao irradimento em noites de ceu claro a influencia de cegar de que são accusados os raios da lua: o brilho d'esta intervem n'este accidente só com indicio da limpidez da atmosphera.

A acção putrida attribuida igualmente aos raios da lua, é realmente devida a um deposito de humidade ou especie de orvalho sobre as substancias animaes expostas ao ar.

A destruição das plantas pela geada mesmo quando o ar do jardim está a uma temperatura superior d'alguns grãos á do gelo, tem por causa o resfriamento pela irradiação. O mais delgado *ecran*

basta para as preservar de todo o perigo: e para terminar esta noticia não nos eximiremos a transcrever a seguinte bella passagem do *Essay* de Wells, relativa a este assumpto.

«No orgulho d'uma meia sciencia, muitas vezes me tenho sorrido dos meios frequentemente empregados pelos jardineiros para proteger as plantas delicadas contra o frio, porquanto parecia-me impossivel que uma simples cobertura evitasse de descerem á temperatura da atmosphera, á acção da qual attribuia todo o perigo que podiam correr. Quando porém aprendi que os corpos á superficie da terra se tornam, durante uma noite calma e serena mais frios que a atmosphera, irradiando o seu calor para os ceus, encontrei n'este unico facto a justificação de um uso que julgava inefficaz e inutil.»

L.

### Alexandre Herculano

Quando Alexandre Herculano metteu hombros á empreza colossal de transformar a simples resenha tradicionalista da biographia dos governantes n'um corpo organico de noções criticas representativas d'uma nacionalidade inteira, desenvolvendo-se atravez do tempo n'um espaço progressivamente crescente, inconscientemente era elle o chamado a marcar n'uma litteratura o momento definido de toda uma especulação anterior que, mais ou menos tumultuosamente, preparando as condições da mentalidade, havia convergido no sentido que a elle era dado representar homologa e homogeneamente. Para a vida das instituições nacionaes para as condições de existencia do aggregado portuguez, nos seus antecedentes proximos e no seu longo transcurso historico, Paschoal José de Mello Freire e Antonio Caetano do Amaral, rompendo, principalmente o ultimo, com a facil hermeneutica da erudição humanista que o ensino jesuitico havia incrustado nos espiritos, chegaram á conclusão de que os successos politicos necessitaram para que os comprehendessem, do previo conceito das condições mesmas do nucleo social de que haviam emergido; e os seus trabalhos eruditissimos, conduzidos n'esta ordem de ideias desbravaram um terreno complexo, difficil, emmaraanhado e desconhecido, se não já na sua linha geral, nos seus promenores caracteristicamente physionomicos.

Isto não retira a importancia dos trabalhos mais tardios de Herculano, pois que, sobre a continua correção de innumerados detalhes, ao grande escriptor estava destinado o determinar pela primeira vez o exacto aspecto do typo social portuguez concernentemente a pontos capitaes da existencia da nova monarchia e seus prodromos, fixando as condições precisas das classes servas, iniciando com Scorffer, o senso perfeito do feudalismo na nossa peninsula.



ALEXANDRE HERCULANO

N'estes termos a obra de Herculano assume de tal magnitude que ellas encobrem, pelo que de synthetico manifestam, as maravilhosas qualidades da sagacidade dialectica postas ao serviço da interpretação dos obscuros textos, na corrente d'essa suspeição que, legitima em si mesmo, adquire por vezes feitiços exaggerados nos antecedentes de João Pedro Ribeiro. Os serviços de tal juizo prestados chegam mesmos a fazer olvidar o prodigioso trabalho consumido na tarefa empreendida com um escrupulo tão metucioso que, equiparado ao labôr do Pertz, elle basta a definir um cansaço justificado de maneira a admirar tão só que mais breve não apparecesse.

Estava-se ao tempo longe do juizo naturalista dos aggregados sociaes, apreciados e considerados como organismos similares aos que cahem sob a inspecção das sciencias biologicas; mas, n'este estudo das condições internas da existencia d'uma nação, precedia-se, sem que de tal se dêsse fé, o methodo comparativo tomado d'estas sciencias que, em plena contemporaneidade, conduziu Alberto Schäffle a desenhar os seus esboços de anatomophysiologia social. Pelo preliminar conhecimento da vida vegetativa d'um povo, se procurava attingir a sua vida de relação, isto é a sua historia diplomatica, militar, politica. A esta orientação se subordinou a obra de Herculano; ella lhe dá, philosophicamente, o titulo honroso d'um precursor.

Para que os resultados correspondessem integralmente aos propositos, tem sido o sabio increpado, na sua glacial obstinação da estricta verdade, de lhe haver fugido o effeito na actividade nacional das legendas que propelliram o messianismo, ingenuamente seguro de si mesmo, da gente portugueza; e serve de documento justificativo da accu-

sação a longa, a tantos respeitos esteril, polemica da visão do campo de Ourique.

Não se nos affigura que na divisão do trabalho do erudito e do critico, outro tivesse de ser o seu empenho; nem a natureza, eminentemente poetica do escriptor, como o testemunho e idealismo mystico das suas sublimes odes, se compadece com o reparo transcripto. A visão do campo de Ourique não offerece no periodo tractado pelo historiador, nem pelo caracter popular de que mal se reveste nem pela propria essencia dos acontecimentos, as consequencias das allucinações posteriores, ou eruditas como a do Preste João ou simples e communs como a das ilhas encantadas. E, quando o seu influxo se torna visivel, elle não escapa á penetração lucidissima do narrador critico, como o revela n'essa mesma polemica, a demonstração do effeito da legenda nas reclamações a bem da autonomia restaurada em 1640. Esta intuição é tanto mais admiravel quanto ella não procedeu nem do exame dos libellos hespanhoes, como o livro, de tão largo ensinamento, de Nicolau Fernandes de Castro nem d'essa desconhecida, completa opposição da questão pelo auctor anonymo da *Relação da corte de Portugal*.

Se, na sua vida especulativa, Herculano se assignalou pela sinceridade e pela clareza, a sua acção, pelo exemplo concreto da sua maneira como cidadão, assegurou que, n'elle, as qualidades do espirito derivaram da propria structura do caracter. Como Thiers, a sua individualidade politica fortalecia-se de toda uma theoria historica; de modo que ao catalogador dos sedimentos sociaes, na sua successiva opposição, o desanimo final de Herculano não tomará o exclusivo alcance d'um caso de mera psychologia pessoal mas o reconhecimento simplicito do advento de camadas antinomicas, creadas pelo industrialismo peculiar da propria classe, cujo processo evolutivo pertenceu ao escriptor lavrar em paginas eternas.

Assim, a este homem extraordinario nas supremas regiões d'uma litteratura como no symbolismo d'uma existencia intemerata e alta, coube o representar o desenvolvimento integral de todo um aspecto da moderna civilisação.

Porto.

Bruno.

### A pomba branca

Corpo envolvido em nevoas d'alvorada,  
Alma nadando em rosas e frescura,  
Ella é branca, é formosa, é immaculada,  
É irmã das pombas, como as pombas pura.

Tão pura que uma vez ella gemeu  
E uma pomba que andava n'amplidão,  
Talvez em busca do seu par, desceu  
Do azul vindo poisar na sua mão.

L. R.



A POMBA BRANCA

## Mau encontro

(HENRI PAGAT)

Por uma fria noite de novembro, o tio Duval, o rendeiro, sabia de Meaux no seu carrito de duas rodas, muito satisfeito com o contracto que vinha de fechar — a troca de umas geiras de terra, em Vauclède, por um rolo de luizes e notas de banco, que elle levava cuidadosamente guardados no fundo da sacola de couro.

E como a alegria abre o appetite, inchavam-se-lhe as narinas com a ideia da sopa planturosa, fumegante sobre a toalha branca, á sua chegada.

— Inda bem que se tenham lembrado de uma fritada d'ovos, ia elle pensando; isso é que estava a calhar.

E, para mais depressa se sentar á meza de nogueira, diante da fritada molle e do vinho claro, na grande cosinha illuminada pelos toros crepitantes da lareira, deixou cabir as guias sobre as ancas gordas do garrano choutante, que caminhava a passo ao subir a encosta do bosque de Meaux.

Subitamente, ouviu, n'um lamento:

— Oh! senhor, meu bom senhor... faz obsequio!...

Ao mesmo tempo viu junto do estribo, na zona illuminada pela lanterna, uma religiosa que parecia derreada de cansaço. Ella perguntou:

— Jouarre... é muito longe d'aqui?

— Jouarre! ora essa! exclamou o rendeiro na sua voz sonora, n'esse andar nem amanhã lá chega.

A boa da religiosa pareceu muito afflicta. Tinham a enganado, então, em Meaux, affirmando-lhe que chegaria n'essa mesma noite ao convento.

— Meu Deus! meu Deus! que ha de ser de mim? Estou morta de cansaço... Ai! meu bom senhor, se me levasse consigo até á aldeia mais proxima... Talvez lá encontre onde dormir.

Havia tanta humilhação n'aquella espinha curvada, tantos suspiros n'aquella voz, que o tio Duval enterneceu-se.

— Vá lá, suba; ha lugar para dois.

E ao dizer isto segurou-lhe no guarda-chuva, na sacca de couro e ajudou-a a subir para o boleia. Ella desfez-se em agradecimentos.

Estavam n'este momento em pleno bosque, sob um tufo negro d'arvores, onde, á luz dansante das lanternas, o cavallo parecia uma massa de sombra titubeante.

A freira, que provavelmente não era muito corajosa, parecia inquieta; curvava-se de quando em quando para esquadrinhar com o olhar as profundidades da estrada.

— Raio de noite! grunhia o tio Duval. Dir-se-hia que o garrano me borboleteia diante dos olhos. Vou pol-o a passo para descansar.

Depois, exclamou:

— Vou fumar uma cachimbada para distrahir.

E apertou as guias entre os joelhos, puchou do cachimbo, soprou-lhe para o experimentar, a palma da mão sobre a abertura, encheu-o de tabaco e accendeu um phosphoro. O tabaco, muito

secco, crepitou, e, dilatado pelo calor, torceu-se n'uma cabelleira de chammas.

Então, o tio Duval, á pequena claridade d'aquelle brazeiro viu... viu uma coisa horrivel — uma lista de barba, sob o capuz da religiosa.

— Com nil demonios! é um homem! pensou.

Mas continuou, sem tremer, a occupar-se do cachimbo, e, quando o fogo pegou bem, começou a fumar em longas baforadas eguaes. Só os dedos, tornando a segurar as redeas, tinham crispções d'uma inquietação machinal.

— Diabo! diabo! fui uma besta... De noite, com dinheiro!...

Passeara todo o dia a sacola de couro pelas tabernas de Meaux; não havia duvida: cahira n'uma emboscada; o bandido, disfarçado em freira, subira para o seu lado com o fim de fazer parar o cavallo n'um momento dado e paralisar a acção do conductor.

Assaltaram-lhe á imaginação historias tenebrosas de gente assassinada nas estradas, por grandes fascinoras, noite velha. Via já, á beira do caminho, a cruz de pau, pintada de negro, no sitio em que fosse encontrado o seu cadaver.

Esta sinistra previsão acompanhava, como um dobre de finados, os planos que elaborava mentalmente para a tornar irrealizavel: «Eu posso atirar-me a este homem e estrangulal-o; mas se elle tem alguma pistola carregada? Que fazer, meu Deus? E' preciso acabar com isto. Os outros não devem estar longe.»

Por fim, teve este artificio:

— Não sei, disse elle, se é como eu, irmã, mas n'esta estação sou muito achacado das constipações.

E para commentar esta declaração, tirou o lenço do bolso, desdobrou-o vagarosamente e preparava-se para se assoar... Eh! eh! o cavallo tropeçou; elle pelo menos accusou-o d'isso; para o segurar agarrou nas guias com ambas as mãos; com este movimento o lenço cahiu na estrada...

— Ora esta! Estou infeliz, hoje! Lá vae agora o lenço... e eu com esta maldita constipação! Mas eu não posso passar sem elle. Olhe, minha boa irmã, fazia-me muito favor se m'o fosse buscar.

— Oh! senhor, sou tão fraca das pernas... Descer e subir custar-me-ha tanto... Vá o senhor, vá; eu seguro na redea.

— Impossivel! Não confio o meu Faisca de ninguem. E' muito novo; se não sentisse a minha mão era capaz de fazer das suas.

O rendeiro fallava com tal candura, parecia admittir com tanta bondade a authenticidade da freira que esta consentiu por fim em descer. Segurou-a por um braço para não cair, e, logo que a presentiu no chão:

— Está talvez dois metros atraz; procure bem.

A cartada estava jogada. O tio Duval envolveu n'uma chicotada terrivel as ancas do garrano que partiu n'um galope desenfreado. Era tempo.

Quinhentos metros adeante, á approximação do carro, emergiram dois homens d'um silvado e esquadrinharam o vehiculo com o olhar, como se procurassem alguém, cuja ausencia pareceu contrariar-os.

Quando o tio Duval chegou a casa, mais alagado em suor do que o proprio cavallo, deitou-se sem tocar no vinho claro nem na fritada fumegante.

E, no dia seguinte, ao abrir-se, na gendarmesia, a sacca de couro da religiosa, foram encontrados, entre outros objectos pios, um revolver e um barbequim...

Trad.

*Alberto Savarus.*

## Terra Santa

Dans mon âme rien ne t'efface,  
O dernier songe de l'amour!

LAMARTINE.

Ha certa noite em que minh'alma pavida  
Fugindo ao mundo, — solitaria e bella,  
Vae peregrina, ajoelhar-se tremula  
Na terra santa do sepulchro d'ella.

E lá, bebendo o negro fel das lagrimas,  
Calca da morte o mudo chão sombrio,  
Emquanto geme a viração dos tumulos  
Nos hirtos ramos do cypreste esguio.

Mudos os astros me contemplam funebres,  
Medonha a lua no horizonte véla,  
E eu pouso a fronte extasiada e pallida  
Na terra santa do sepulchro d'ella.

Mas ha! de balde em minha acerba angustia  
Supplico o Eterno maldizendo a sorte:  
O echo apenas me responde lugubre,  
Lugubre apenas me responde a morte.

E o véo da noite sobre mim desdobra-se  
E a lua dorme na estrellada téla,  
E eu beijo as flôres machucadas, humidas  
Da terra santa do sepulchro d'ella.

Maria! escuta! Vem ouvir-me, ó candida,  
Candida rosa que cresceu comigo;  
Dá-me um logar n'essa mortalha angelica,  
Deixa-me ao menos repousar contigo.

Em vão! em vão toda minh'alma erguendo-se  
Na voz pungente as afflicções revella:  
Em vão meus labios se confundem soffregos  
Na terra santa do sepulchro d'ella!

A campa é surda, e do feral invólucro  
Só Deus podera arrebatar-te um dia:  
Mas, ah! se acaso estás-me ouvindo, alegre-te  
Que em breve, em breve eu te verei, Maria!

*L. Guimarães Junior.*

## Curiosidades

Tendo os falsificadores de vinho passado a substituir á fuchsina de que a presença era facilmente reconhecida as novas côres da anilina como o vermelho de Bordeaux, a tropeolina, a boccelina, que difficilmente são encontradas, julgamos prestar um bom serviço informando os nossos leitores d'um processo communicado por M. Debrun, por meio do qual se reconhecem facilmente.

Até hoje tem sido usado o processo de Gauthier, consistindo em percipitar a materia corante pelo acetato de mercurio e uma solução de potassa e dissolvel-a em ether; se o ether fica corado é porque ha cor de anilina no vinho. — Este processo é porém muito delicado, mesmo para um chimico de profissão, pois o menor excesso d'um dos dois reagentes produz corações auxiliares que disfarçam a que se procura. Substituindo a potassa pela magnesia como se pretendeu fazer obteve-se como resultado apparecer sempre anilina.

O processo agora indicado consiste no seguinte. Prepara-se um pó pulverisando, n'um almofariz de porcelana, 20 grammas de acetato de mercurio secco com 10 grammas de oxido de zinco calcinado, e conserva-se n'um frasco amarello tapado com uma rolha de cautchú. Estando bem feita a mistura o pó fica branco como cré pisado, tomando a cor amarella é porque o acetato não estava bem secco, não pôde aproveitar-se. Para se usar lança-se n'um tubo de ensaio 10<sup>cm</sup> de vinho, junta-se-lhe um decigramma do pó e faz-se ferver durante um minuto, em seguida deixa-se repousar e resfriar. O liquido deve ficar transparente, incolor como a agua; sendo o vinho muito corado como succede com os nossos, filtra-se ainda: Se o liquido depois de filtrado apresenta uma cor de rosa é seguro que estamos em presença d'uma cor de anilina; a addição de acido tarttrico aviva a cor.

A explicação d'este processo está em que nenhuma cor de natureza vegetal escapa á acção decolorante do pó que se preparou.

Tendo collocado duas garrafas da mesma altura com rolhas talhadas em duplo bisel sobre uma mesa a certa distancia uma da outra e de modo, que as arestas do vertice de cada rolha sejam parallellas, applicuemos sobre cada rolha uma faca de mesa de maneira que a lamina repouse sobre a aresta da rolha pela parte visinha do cabo e as duas laminas fiquem dirigidas uma para a outra sem se tocarem. Mantendo as duas laminas entre o polegar e o index conservam-se as facas horizontaes, e com a outra mão colloca-se bem igualmente sobre as duas laminas um calice leve com agua até ao meio. Depois d'algumas tentativas, quer approximando as laminas uma da outra, quer fazendo variar a quantidade de agua no calice consegue-se manter este sobre as laminas sem auxilio da mão; tirando algumas got-

tas de agua o calice levantar-se-ha um pouco com as laminas.

Se agora suspensa por um fio mergulhamos pouco a pouco na agua uma pequena bola metalica ou feita d'uma materia pesada, ver-se-ha baixar lentamente o copo e as laminas; levantando depois docemente o fio, o calice elevar-se-ha parecendo obdecer ao fio. E assim elevando e baixando successivamente a mão, observar-se-ha um movimento de oscillação vertical do calice, como se estivesse suspenso ao fio.

Pescou-se ha dias em Loffoden (Noruega) um enorme bacalhau que pesa cerca de 40 kilos e mede quasi 2 metros de comprimento. O tamanho dos bacalhaus, mesmo os maiores, costuma ser de 1,<sup>m</sup> 50. Este de que fallamos excede muito as dimensões ordinarias. A cabeça tem 42 centimetros; a largura maxima é de 0,<sup>m</sup> 365. As ovas pesam 3 kilos e contam mais de 2 milhões e meio d'ovos, contendo cada gramma 840. Segundo todas as probabilidades, uma parte das ovas já tinha sido expellida antes de pescado o enorme peixe, porque as ovas dos grandes bacalhaus costumam ter de 9 a 15 milhões de ovos.

*Roseira gigantesca.* — O *Journal des Roses* dá noticia d'uma roseira de dimensões extraordinarias. Plantada ha cincoenta annos em Charlestown (Carolina) recebeu este especimen, que pertence á secção das *Banks*, a uma altura de 3 a 5 metros, enxertos das seguintes variedades: *Maréchal Niel*, *Marie Vanttoutte*, *Devoniensis*, *Madame Eugène Verdier* e outras rosas semelhantes. O tronco mede actualmente na base 50 centimetros de diametro, e os ramos cobrem 2 caramancheis de 52 metros de superficie cada um; alem d'isso, guarnecem um espaço de 22 metros de comprimento por 14 de altura: os seus ultimos ramos passam acima do tecto da casa a que está encostado o tronco. Imagine-se o bello espectáculo que se presenciará vendo-a litteralmente coberta de rosas como succede todos os annos.

*Somno lethargico das andorinhas.* — Depois de ter sido muito discutida a asserção de que as andorinhas podiam passar o inverno nos nossos climas n'um estado de lethargia analogo ao dos animaes hibernantes, o seguinte factio observado este anno desfez todas as duvidas.

Em consequencia d'uma chicotada tinha cahido á lama em outubro do anno passado uma andorinha e não pôde levantar vôo: levantou-a um rapaz que a lavou, envolveu em algodão em rama, e meteteu n'uma gaveta onde ficou esquecida.

Passados mezes foi por acaso encontrado o rolo e appareceu a andorinha viva.

Já no seculo passado affirmavam muitos zoologos ter encontrado durante o inverno em buracos de muros, grutas e cavidades analogas andorinhas em

somno hibernal, e alguns chegaram a aventar que as andorinhas não emigravam, mas sim se refugiavam nas cavernas para passar o inverno.

E' falsa esta supposição, é porém justificado acreditar que as andorinhas perdidas ficam nos nossos climas todo o inverno, e se refugiam em algum abrigo, onde, debaixo do frio que as entorpece, adormecem por muitos mezes para só despertarem na primavera á apparição dos primeiros raios confortantes do sol.

Quantas vezes por causa do factio a que nos vimos referindo teremos sido enganados pelo amigo das andorinhas quando nos participa a sua chegada talvez por ter visto alguma que lhe foi companheira inseparavel durante as frias noutes de inverno?!

Um jornal estrangeiro assignala o seguinte factio:

Sobre 290 individuos habitando o antigo burgo de Kilmaur, situado duas milhas ao norte de Kilmaur, (Escossia) 72 teem attingido a idade de 77 annos; 30 excedem 83 annos; fizeram 90; e 4 excederam esta idade, sendo estes: Tam Kinig, o coveiro de Moukton, que apesar dos seus 94 annos está ainda alegre e frescalhão, e é sua filha mais velha que lhe arranja a casa; Rob Love que conta 93 annos; Tam Paton, 91 annos; Patin Lanibou, 98.

A excessiva longevidade dos habitantes de Kilmaur é attribuida pelos medicos ao ar puro do sitio, á qualidade da agua e sobretudo á vida sobria e frugal que alli se leva.

## Recreações

N.º 22

PROBLEMA

Dispôr as peças d'um jogo de dominó, de modo que fiquem repousando sobre os angulos sem auxilio de objecto algum estranho.

N.º 23

PROBLEMA

Distribuir por um modo facil e menemonico os numeros de 1 a 81 n'um egual numero de quadrados, em que se tenha dividido um outro, de modo que sejam eguaes as sommas das linhas, columnas, e diagonal.

As soluções serão publicadas no n.º 13.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA

# JORNAL PARA TODOS

28 de setembro de 1889

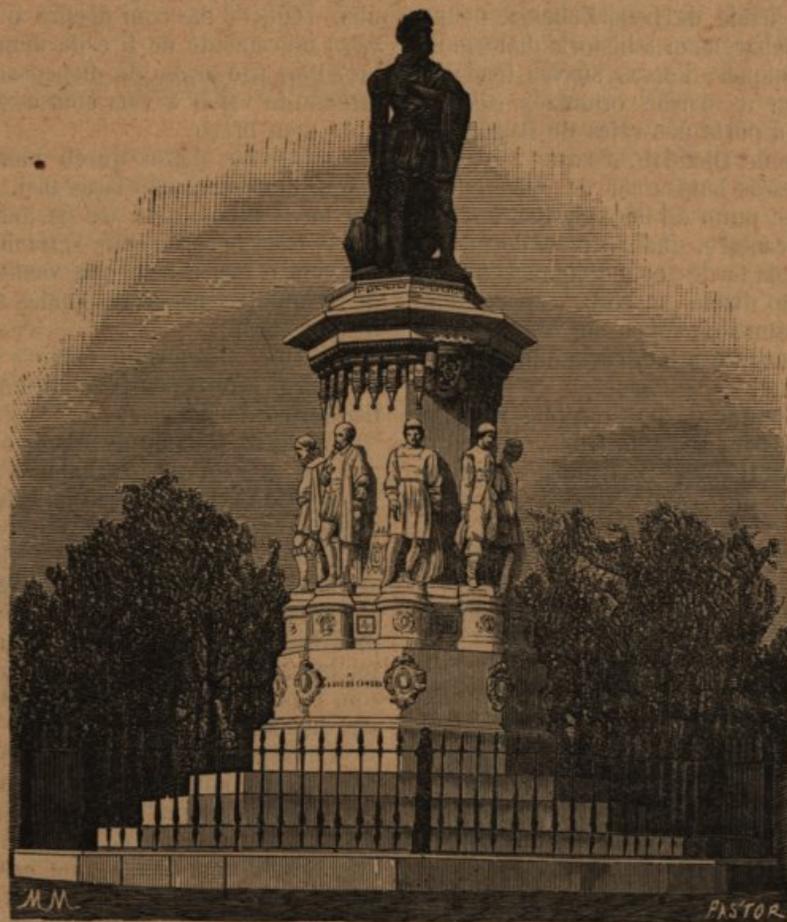
## Monumento a Camões

Ha vinte e dois annos que se inaugurou em Lisboa o monumento a Luiz de Camões.

Filho de Portugal concentrou em si toda a grandeza da sua nação, escrevendo a sua immortal epopéa os *Lusiadas*, onde se encontra tudo quanto ha de nobre e de grande na historia do povo portuguez. Arriscando heroicamente a vida, aquelle

do, Jeronymo Côrte Real e Francisco de Sá Novaes, eleva-se em bronze uma estatua de 4 metros representando Luiz de Camões. Vestido á côrte e coroado de louros, tendo na mão esquerda e junto ao peito o poema que é a sua gloria e a da patria, empunha com a direita uma espada nua em uma attitude guerreira e patriotica.

Eleva-se o monumento, que mede 11,<sup>m</sup> 5 d'altura aproximadamente n'uma das praças de Lisboa, chamada praça de Luiz de Camões.



MONUMENTO A CAMÕES

valente soldado morreu por fim chorando as desgraças da sua patria que ia perder a liberdade. Pouco depois veio 1580.

Assente sob um pedestal octogono de 7,<sup>m</sup> 5 rodeado de oito estatuas representando Fernão Lopes, Pedro Nunes, Gomes Carneiro d'Azurara, João de Barros, Castanheda, Vasco Mousinho de Azeve-

A 28 de junho de 1862 foi collocada a primeira pedra do monumento e cinco annos depois pagaram os portuguezes ao immortal cantor das suas glorias essa tardia divida de ingratição.

A 9 d'outubro de 1867 realisava-se em Lisboa a inauguração solemne do monumento.

J.

## O Tabaco

LENDA ARÁBE

## I

Em nome de Allah, clemente e misericordioso, — «que nos deu a penna para escrever e que todos os dias ensina ao homem alguma das muitas coisas que elle ignora», — ouvi.

Senhor dos anjos e dos homens, só Elle é grande e poderoso.

No Seu labio existe a perola da Verdade; e a luz d'esses soes que brilham sobre as montanhas azues é do rubi dos Seus olhos.

Um dos Seus dedos governa a machina dos mundos.

E o sopro da Sua bôcca é o simoun que varre as areias do deserto. Ouvi.

Não é esta a lenda da bella Zobeida, nem a do sultão de Kandahar, nem a historia da formosa Beduina, nem qualquer d'essas suaves lendas e contos de fadas que os bardos orientaes cantam, ao som da guzla, á porta dos cafés de Bagdad ou diante dos bazares de Djeddah, a rica.

Não é uma d'essas lendas côr de rosa entoadas pelas Beduinas, junto do Poço da Benção, emquanto enchem o cantaro, quando o sol dorme reclinado no regaço da tarde; nem d'aquellas que os pastores do deserto dizem em côro, á hora indecisa em que os camellos repousam e a caravana arma a tenda, emquanto a lua, casta e limpida, se levanta no horisonte.

Esta é a lenda que os bons crentes recitam, os olhos voltados para a Santa Kibla, e que me foi contada por Ali-Hassan, da tribu dos Beni-el-Védar, quando, por uma calma manhã, passeavamos á beira mar.

Estendido o tapete da oração, Ali ajoelhou e recitou o Fattah.

Quando terminou a prece, levantou-se e offereceu-me o cachimbo da amizade.

Sentámo-nos e principiámos a fumar.

— Conheces, christão, — disse-me, — a origem d'esta folha cujo aroma aspiramos e cujo fumo se evola até ao throno de Allah, de mistura com o perfume das flôres que esta planta faz murchar?

— Não conheço, musulmano, — respondi.

— Allah seja louvado! — exclamou elle, — que só aos crentes revelou, pela bocca do Propheta, o mysterio das coisas occultas. A Deus pertencemos e a Deus volveremos... Só Elle é grande.

E, mettendo mais folhas de tabaco no cachimbo, contou-me a seguinte lenda, simples, mas profundamente religiosa e severa.

## II

Viajava, em certa occasião, o Propheta Mahoma — que Allah conserve — pelos desertos do Yémen.

Era no inverno; e como o frio fosse intenso, os reptis dormiam o somno das noites sem fim.

A egua que o Propheta montava pisou com um dos cascos uma vibora completamente immobilizada pelo frio.

Mahoma compadeceu-se do reptil; apeiou-se da egua, pegou na vibora e metteu-a dentro da manga da tunica, para com o calor lhe restituir a vida.

E o calor deu-lhe novamente a vida.

Começou a mover-se, deitou a cabeça de fóra e disse:

— Propheta, quero morder-te a mão.

— Não sejas ingrata, respondeu o Propheta.

— Quero.

— Quando me provares que te dei motivo para me offenderes, permittirei que me mordas.

— A tua raça, — murmurou a vibora, — está continuamente em guerra com a minha: o calcanhar dos teus e o casco dos vossos cavallos e dos vossos camellos, esmagam sempre que podem os da minha raça e eu preciso vingar-me na tua pessoa.

— Não se trata agora da tua raça nem da minha, replicou-lhe com doçura o Propheta: — trata-se unicamente de ti e de mim. Que mal te fiz eu? Pois não acabo de dispensar-te um beneficio, fazendo-te voltar á vida com o calor do meu peito e do meu braço.

— Apesar d'isso quero morder-te para que d'aqui em diante não faças mal, nem a mim, nem aos meus filhos, nem aos da minha casta.

— Isso, misero reptil, seria ingratidão — pagarme com o mal o bem que venho de fazer-te. Ai de ti! que tão mal correspondeste aos beneficios que te dispensam.

— Quero! — gritou então a vibora, iracunda, — quero, e juro por Deus grande e poderoso que hei-de morder-te.

Ao ouvir o nome de Allah, o Propheta não se atreveu a replicar. Inclinou a cabeça e disse: «Que o seu nome seja louvado. A Elle pertencemos e por Elle vivemos.»

E abriu a mão para que a vibora o mordesse.

E a vibora mordeu a mão sagrada de Mahoma.

Então, este, possuido de viva dor, arrojou-a para longe e amaldiçoou-a em nome de Allah por ser ingrata e, com ella, todos os que pagam o bem com o mal e não reconhecem os favores que lhes são dispensados.

Em seguida o Propheta applicou os labios á ferida, chupou com força e extrahiu o veneno do reptil.

E depois cuspiu sobre a areia do deserto.

Immediatamente, no sitio em que cahiu a saliva, brotou uma planta, que cresceu e floresceu de repente.

Os arabes que acompanhavam o enviado de Allah queimaram algumas folhas d'aquella planta maravilhosa e bemdita, que Allah faz multiplicar-se junto dos areas e dos oasis, e, porque o seu perfume participa do veneno da vibora e da doçura da sagrada saliva do Propheta, aspiram-o com veneração e prazer.

## III

Desde essa remota epocha o tabaco é a delicia dos Hdjis que hajam feito a peregrinação a Meca;

dos Ulemas que ensinam a sciencia no pateo da mesquita de El-Azahr, fonte de alegria e de luz; e dos filhos da tenda branca, que são os reis do deserto.

E, tambem desde essa epocha o crente que recebe d'outro musulmano o favor da hospitalidade á sombra da sua casa ou da sua tenda, é obrigado a amal-o e a fazer-se matar em defeza d'elle, se tanto for preciso, porque a maldição do Propheta pesa sobre a cabeça dos ingratos, aos quaes não é dado ver a lua clara do paraizo na noite da morte.

## IV

E' esta a lenda do Tabaco, transmittida de tribu em tribu, pelos velhos crentes, atravez dos seculos e gerações, para lição dos Muftis e gloria de Allah cujo nome seja louvado.

Só Elle é grande.

Trad. de A. Savarus.

*J. Bachiler.*

### O transporte da força por meio da electricidade

Esboçar em poucas palavras o interesse que merecem as duas forças electricidade e magnetismo é tão facil como difficil.

Nas casas menos favorecidas da fortuna nos trabalhos de menos importancia como nos de mais resultado pratico, a cada passo, a cada momento, encontramos a applicação d'aquellas forças, que o homem sem as conhecer sujeitou ao seu dominio.

Mas tão mysteriosas quanto productivas, as suas applicações são tão vastas que impossivel se torna tomar conta da sua influencia nos serviços que prestam ao homem.

Para que insistir sobre o interesse que todos ligamos á satisfação de saber com poucos minutos de intervallo noticias que nos são transmittidas de milhares de leguas, atravessando mares, montanhas, paizes inhospitos e selvagens: podendo tomar conhecimento não só do que desejam communicarnos, mas ouvir mesmo a voz da pessoa que se nos dirige; podendo mais do que isso vér a pessoa com quem estamos conversando!

Porém não lembraremos agora conhecidas como geralmente o são o sem numero d'essas applicações que tantas utilidades nos representam.

Referindo-nos a estas forças temos em vista indicar uma applicação que, se não tem mais importancia do que aquella a que acabamos de alludir, de certo a não tem menor.

Entrando n'uma fabrica deparamos com os numerosos engenhos que é necessario combinar para conseguir fornecer esses milhares de objectos que se tem tornado necessarios ao uso, e julgamos a principio assistir á realisação de algum d'esses contos em que o sobrenatural joga principal papel: nada se vê que anime tão complicados machinismos e no entanto o movimento reina por toda a parte; o fumo não vem aqui trahir a presença do calor que não sentimos; o ruido e ronco rugir

das aguas não vem indicar-nos a presença d'alguuma queda d'agua que faça a riqueza do local em que nos encontramos.

E nós, que nos recordamos de que sempre nos ensinaram que, n'este mundo nada se perde nem se cria, que as forças se transformam, e que, se n'um momento vemos n'um ponto desenvolver-se calor é porque o movimento n'elle se transformou, que se a luz nos apparece é porque o calor se transformou em luz, que a um phenomeno de electricidade aproveitou a transformação do calor ou do movimento ou estas forças foram aproveitadas conjuntamente. Nós que ouvimos que todos estes phenomenos são resultado de movimentos vibratorios e que só a transformação d'estes movimentos é que dá lugar a outros tantos aspectos debaixo dos quaes as forças nos apparecem. Nós que estavamos convencidos da verdade d'estas asserções; começamos a duvidar.

A nossa duvida porém transforma-se em admiração quando ao perguntar para que aproveitam uns fios metallicos que vemos dispostos em diversos sentidos nos é respondido que são os conductores da força que põe em movimento todas as peças da vasta officina.

Mas o centro d'onde partem esses conductores, que com duvida acreditamos possam na sua tenuidade conter a força que constantemente os deve atravessar, onde se encontra?

A alguns kilometros a algumas leguas mesmo, n'um local onde vão aproveitar-se forças naturaes que no sitio onde se encontram eram completamente perdidas, e por isso perdido era um capital consideravel, e que a electricidade transporta aos pontos em que mais vantajosamente podem ser aproveitadas, e as distribue ás grandes fabricas, ás pequenas officinas, ao simples operario.

Ao longe foi aproveitada a torrente despenhando-se em catadupas de rochedo em rochedo que, durante muito tempo só foi motivo de admiração e receio, e hoje serve para poupar a força que até agora, já aos animaes, já ao homem tem sido pedida.

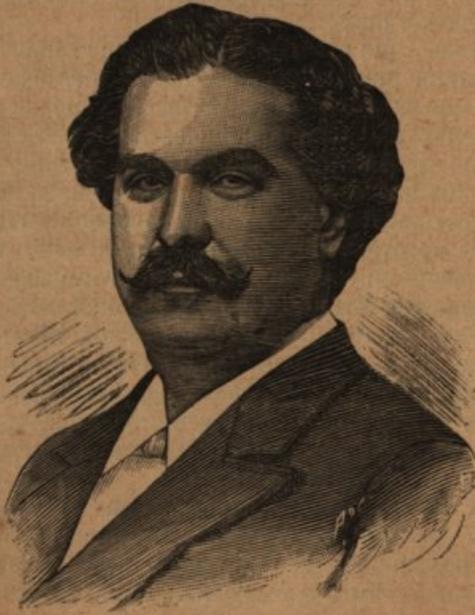
No fundo das minas aproveitou-se a força que desenvolve a combustão da hulha poupando-se o trabalho e despezas consequentes do seu transporte.

As correntes de vento foram tambem domadas, e a sua força herculea que até agora só era conhecida pelos estragos causados é agora distribuida ao artista que se serve d'ella para effectuar os trabalhos mais delicados.

O proprio mar que sempre em movimento nos parece ordinariamente enraivecido como quem lhe custa não poder vencer os diques que lhe pôz a natureza, e que em vagalhões periodicamente se lança sobre a praia, é tambem subjugado, e a sua furia aproveitada em trabalho util ao homem.

O sol de que o calor é a fonte de todas as fontes que temos indicado, d'esse mesmo é armazenada a força que tem distribuido á terra, e que circulando por meio da electricidade, vae animar as diversas partes d'este corpo a que se chama humanidade.

L.



Ernesto Rossi

Escrevendo estas linhas debaixo do retrato de um dos maiores talentos da Italia moderna não temos a intenção de fazer a sua biographia, pois Ernesto Rossi é conhecido no mundo desde que abandonou a carreira das letras para seguir a vida artistica, sempre para elle cheia de gloria.

Tributamos-lhe unicamente um preito da nossa admiração.

Nascido em Leorne em 1828 fez os estudos preparatorios para seguir um curso de direito, mas breve deixou a universidade que frequentava para seguir uma companhia de comicos ambulantes. Pouco depois as fulgurações do seu genio portentoso apontaram-no a Gustavo Modena como seu discipulo, e se Rossi o não excedeu pelo menos igualou o seu grande mestre e amigo.

Em 1855 esteve Rossi em Paris, e na sua volta á Italia começou a estudar as immortaes creações de Shakspeare, pouco conhecidas ainda das platêas d'aquella epocha. De então até hoje a vida artistica do grande tragico italiano tem sido uma serie não interrompida de triumphos em todas as cidades da Europa e da America. E' porque ninguem revelou como elle um talento tão admiravel, um estudo e uma consciencia tão completa dos homens e das epochas.

Para Rossi a arte não teve segredos e mostrou-se sempre grande actor e grande mestre quer na tragedia, quer no drama, quer na alta comedia.

Rossi não se descreve, dizia Mendes Leal, mas Lisboa quando em 1868 o viu pela primeira vez no palco do Principe Real não o admirou, foi deslumbrada pelo talento d'aquelle genio.

Em 1883 visitou novamente Lisboa: e n'esta occasião alguém dizia que elle aos 55 annos só podia ter direito a applausos pelos seus triumphos

passados, mas ao correr o panno do theatro Gymnasio, na noite de 23 de setembro d'aquelle anno, o vulto grandioso de Ernesto Rossi veio mostrar que se os annos lhe deixaram no corpo vestigios indeleveis, o seu genio, a sua alma e o seu talento eram sempre grandes.

J.

### No Bussaco

AO CONSELHEIRO JOSÉ RODRIGUES DE FARIA

Elle era um monge, trémulo e cançado.  
Nos concavos do bosque rumoroso,  
Habitava, sósinho e silencioso,  
Em mysticos anceios enlevado.

Fôra sempre de todos respeitado,  
O seu viver austero e religioso;  
Não lhe chegava o echo buliçoso,  
Que vinha do longinquo povoado.

Embebido n'um aspero viver.  
Nos seus labios senis, nunca adejava  
O mais leve sorriso de prazer.

Uma expressão, porém meiga e dorida,  
enchia o seu olhar, quando fitava  
A triste Magdalena arrependida...

*Alfredo Alves.*

### O Castello de Almourol

A noventa kilometros, pouco mais ou menos, de Lisboa, seguindo a linha ferrea que vae para Elvas, encontra-se o castello de Almourol, velha fortaleza do XII seculo, solidamente assente nas rochas d'um ilheo que se destaca no meio do Tejo proximo a Constança.

Fendidas e desmanteladas aquellas poeticas ruinas põem aos olhos de quem as contempla todo o viver agitado d'uma epocha calumniada, enquanto mal conhecida, mas a que a historia já ha muito fez justiça.

Se na idade media, amaldiçoada por muitos como uma epocha de oppressões e atrocidades, com os seus castellos, as suas prisões convertidas muitas vezes pelos senhores feudaes em casas de supplicios, com as suas pontes levadiças, a sua cavallaria, as suas guerras, os seus romances de amor, se atrazou a civilisação, não devemos esquecer que cresceu n'essa epocha o espirito da independencia e da dignidade humana, a consideração pela mulher, que se propagou a religião e que finalmente se preparou o mundo para a renascença e para a formação das nacionalidades modernas.

Sentimos o coração affogado ao contemplar as tragedias das edades passadas, e condemnamos as

suas instituições, mas não podemos também deixar de fazer justiça á coragem, á abnegação, ao desprezo da vida e a muitas outras virtudes d'aquella epocha.

\*

A lucta travada desde VIII seculo entre o mundo christão e os sectarios do islamismo empenhou-se com grande vigor nos XI e XII seculos. As cruzadas do oriente sustentadas dois seculos pelos povos da Europa contra os musulmanos, tendo por fim não a conquista dos logares santos e o alargamento da fé, mas a especulação commercial, a avidez das riquezas e o affastamento dos

Accusada de crimes que se não provaram e perseguida cruelmente, a ordem foi abolida pelo Papa Clemente V, sendo substituida em Portugal no reinado de D. Diniz pela ordem de Christo, que recebeu todos os bens dos Templarios.

O castello do Almourol, reedificado pelo mestre dos Templarios, D. Galduim Paes, aproveitando os materiaes do velho castello, que se julga ser obra dos romanos ou dos velhos lusitanos, assenta, como dissemos, em um ilheo pedregoso de fôrma oval, de 130 metros de comprimento por 70 de largura, no meio da bacia do Tejo.

Cercada de urzes, zambujos e lentiscos, a velha e poetica fortaleza dos Templarios, construida



O CASTELLO DE ALMOUROL

grandes senhores que deixavam assim aos reis constituir as suas velhas e desmanteladas monarchias, foram o grande duello entre christãos e musulmanos.

Da primeira cruzada sahiu o reino de Jerusalem, organizado segundo os principios da hierarchia feudal, e para a sua defeza foram creadas as duas ordens de cavallaria: dos Joanitas ou hospitalarios de S. João de Jerusalem e a dos Templarios. A ordem dos Templarios, distincta pelo seu valor e bravura, rica pelos legados e doações que lhe fizeram, veio estabelecer-se em França, quando perdeu as suas possessões na Palestina. Instituida em Portugal em 1125 já n'este mesmo anno tinha muitas terras e castellos, chegando a ser a mais rica n'este reino.

no terceiro quartel do XII seculo, como attestam as inscripções que ali se encontram, caminha para um desmoronamento completo.

«Haverá uns trinta annos, diz o sr. Brito Aranha, o castello de Almourol apresentava ainda na cerca exterior das muralhas quatro torres circulares, postas a eguaes distancias; no meio da segunda e da terceira torre a porta do castello, de forma gothica, tendo superiormente, e embutida na parede, a lapida, em que então se distinguia bem a inscripção. No meio do recinto erguia-se a torre de menagem. Em uma parte da muralha, do lado do sul, encontravam-se claros vestigios da existencia ali d'uma casa. Para leste a cerca exterior apresentava mais cinco torres, o que prefazia o numero de nove, para a defenza do recinto ex-

terno. Do lado do norte havia um caminho regular para o castello, que dentro de pouco se viu intransitavel com as pedras que hiam cahindo; mas, tentando entrar ahi, achava-se o visitante n'um pateo interior, onde estava a porta que devia comunicar com os aposentos dos andares superiores. Sobre esta porta realçara-se um escudo de pedra, que brilhava por sua alvura no resto do edificio. Pelas fendas das paredes notava-se que os aposentos rematavam em abobada e que as janellas eram ornadas de vistosas laçarias e festões. Seria difficilimo hoje encontrar tantos vestigios para uma curiosa descripção.»

A lucta entre os christãos e os mouros deu lugar á formação de muitas lendas e tradições, que ainda hoje encham de pavor muita gente das nossas aldeias, e as lendas de amor, de odio, de vingança e de sangue que cercam a velha fortaleza de Almourol fazem lembrar as lendas das margens do Rheno; e de certo ali se fazia uma residencia de verão, que bem poderia rivalisar com as que lá se encontram.

A dois kilometros do Almourol está a nossa escola practica de engenharia, onde vimos uma machina de caminho de ferro de via reduzida baptisada com o nome da velha fortaleza, cortar alegre, brilhante e rapida em muitas direcções aquelle campo cheio de vida e trabalho.

Que distancia que vae da Almourol moderna á velha fortaleza de D. Gualduim Paes, derrocada, triste, abandonada, fazendo lembrar a inutilidade de muitas instituições, sem tectos, sem vigamentos, sem abobadas, enredada de silvas, coberta de arbustos, e onde de quando em quando se sente o rastejar de um reptil e o voejar d'um passarito!

E' a distancia percorrida pela civilisação de quasi oito seculos.

J.

### A estrella do pastor

(EXTRAHIDO DE FLAMMARION)

Radiante na sua pura belleza, a loura estrella reina no ceu das nossas tardes d'estio, como nos dias em que, sobre as ondas azues das praias do Latium, o joven Eneas lhe confiava os destinos da Italia nascente, como no dia em que Cleopatra, estendida sobre a purpura do seu navio, pedia parte do imperio do mundo. No momento em que o sol immerge no horizonte afoqueado, incendeiam-se os seus fogos ardentes; longiquo pharol celestial, ella é a propria luz, a luz increada, que parece nascer e brilhar. Ah! quão verdadeira era a mythologia com os seus doces symbolos! Não é Venus na aurora uma deusa luminosa elevando-se do seio das ondas? e no crepusculo a confidente natural dos juvenis corações que despertam aos primeiros abalos da vida? Mercurio, girando tão rapidamente, tão caprichosamente na apparencia, não é o mensageiro de Apollo e da côrte celestial, a imagem subtil do deus dos investigadores e da

fortuna? Marte, com os seus raios alaranjados, não é de todos os astros que se suppunha dirigirem os destinos humanos, o que se encontra lá em cima collocado como uma ameaça, fazendo pensar no sangue dos combates? Jupiter, calmo, grande, esplendido, radiante, não é o soberano dos mundos? Saturno lento, pallido, de mais triste apparencia, não symbolisa a velhice, o tempo, o destino? Sim, a mythologia celeste é ainda a astronomia que existe em tudo, em que vivemos sem o saber desde o principio do mundo.

Os sentimentos inspirados pelos espectaculos da natureza, pelo ceu, pelo mar, pelas montanhas, pelos raios e sombras, pelos ruidos e silencios, manifestaram-se debaixo de fórmas vivas, debaixo de personificações, que hoje nos parecem mortas, encerradas como se apresentam em frias allegorias, mas que eram a rica e sincera manifestação das impressões interiores. Tudo foi impregnado de vida, tudo foi animado, e o homem julgou viver no meio d'um povo de deuses que podiam entendel-o, vel-o, fallar-lhe, com os quaes estava em perpetua relação de sentimento.

A contemplação do ceu despertará sempre em nós nobres pensamentos, trará sempre ás horas da solidão um benefico socego, uma serenidade profunda, e quando a estrella Venus brilha com todo o seu esplendor, acompanhada pelas suas irmãs do ceu, é impossivel não sentir que, posto que sejâmos imperceptiveis no infinito, vibramos a unisono do grande sêr e fazemos parte integrante d'uma grande harmonia. Associamol-a ás nossas impressões pessoaes, aos nossos sentimentos intimos, animamol-a com os nossos pensamentos, e esta impressão é immediata, instinctiva, natural, desenvolve-se, augmenta e completa-se quando esclarecida pela luz da sciencia moderna.

E' que agora, quando sentados n'uma colina contemplamos Venus, seguindo vagamente com o olhar a sua carreira gradual e silenciosa para o horizonte longiquo, já não vemos só um ponto luminoso, como succedia aos pastores da Chaldea, aos pontifices do Egypto, sacerdotizas de Athenas e de Roma; não saudamos sómente a Venus que invocava a nympha Egeria nos bosques de Numa, ou que os frescos de Pompêo celebravam nos dias de decadencia das legendas primitivas; vemos mais longe e melhor; sabemos que alli existe um mundo analogo ao nosso, do mesmo volume, do mesmo peso, um pouco mais proximo do sol, de curso um pouco mais rapido, de estações menos regulares; mas imagem do nosso, pela sua situação tão visinha, pela sua atmosphera, pelas suas montanhas, pelos seus dias e noutes, e tambem sem duvida pela vida desconhecida que se tem desenvolvido á sua superficie como á superficie da terra, tudo nos leva a crer que Venus e a terra desempenham o mesmo papel no universo.

Celeste patria, gravita como a nossa debaixo dos raios do mesmo sol, esclarece-a a mesma luz, aquece-a o mesmo calor, sustenta-a no espaço a mesma attracção.

Qualquer que seja o seu estado physico e moral, a fórma dos sêres que a constituem, a humanida-

de de Venus, se (como as leis da cosmogonia o fazem suppr) existe á superficie d'esta terra visinha, é irmã da nossa; atravez da transparente immensidade que nos separa advinhamol-a, e procuramos olhares que correspondam aos nossos.

Tambem em certas epochas se nota de Marte uma estrella brilhante que se ostenta magestosamente a oeste, e desce em silencio para o horisonte occidental; observada com luneta apresenta phases analogas ás de Venus.

Sem duvida tambem os que a contemplam perguntam, se esta branca estrella é habitada, e é possivel que os pensadores admittam como principio de philosophia natural, que é habitada, o foi, ou ha de ser. Este planeta é o nosso. Para a humanidade de Marte, sômos a estrella do Pastor.

Assim se transmittem atravez o ceu não só as influencias physicas dos astros, mas os proprios pensamentos humanos: assim os conhecimentos astronomicos do Universo fazem circular entre os mundos uma vida nova, mais bella ainda que a da antiga poesia.

Vistas profundas sobre o eterno abysmo, contemplações sublimes do ceu estrellado, só vós sois verdadeiras, tudo o mais não passa de sombra. O cumulo da felicidade para o homem, dizia Seneca, é sentir-se arrebatado para os ceus.

Com que satisfação do meio d'estes astros aonde vóa o seu pensamento, o homem ri dos mosaicos dos nossos ricos, e da nossa terra com todo o seu ouro! Para desdenhar estes porticos, estas guarnições de madrepora e marfim, estes rios obrigados a atravessar palacios, é preciso ter abraçado o conjuncto do universo, e deixado cahir de cima um olhar sobre este globo minusculo. Eis alli, diz então o sabio, o ponto que tantas nações se disputam com o ferro e fogo na mão! Eis alli os mortaes com as suas ridiculas fronteiras! Quando te tiveres elevado aos objectos verdadeiramente grandes de que fallo, de cada vez que vires exercitos marchando com as suas bandeiras, e—como se tudo isso fosse cousa séria—cavalleiros galopando á redea solta, exercitos desdobrando as suas forças, serás tentado de dizer: «são evoluções de formiga, grandes movimentos sobre pequeno espaço.»

O que é porém sempre verdadeiro e sério? A astronomia que inspirava, ha deoito seculos, o contemporaneo de Jesus, como é ella que nos inspira hoje, como é ella que fará sempre pensar rigorosamente aquelles que comprehenderem a sua elevada e convincente philosophia.

L.

### Curiosidades

*Castanheiro colossal da ilha da Madeira.*—Na ilha da Madeira, n'uma propriedade pertencente ao sr. Conde do Carvalhal, no sitio da Acheda, a 23 kilometros do Funchal, existe o castanheiro a que nos referimos.

É sabido que o castanheiro commum, *Castanea Vesca*, attinge nas nossas regiões proporções enor-

mes, passando o do Etna por ser a mais antiga e colossal arvore d'esta especie; junto d'elle porém faz ainda avantajada figura o castanheiro da Madeira medindo de altura 50 metros e de que o tronco a 1 metro do solo tem de circumferencia 11<sup>m</sup>,60.

No centro existe um quarto quadrado de 1<sup>m</sup>,70 de largo e 2 d'altura.

O castanheiro está ainda cheio de vegetação, é porém impossivel indicar-lhe a idade.

Tambem para as proteger da destruição e do vandalismo devia existir uma commissão que vigiasse pela conservação d'estas arvores, verdadeiros monumentos da natureza, e de não menor respeito que os fabricados pela mão do homem, que vae dando cabo d'uns e outros, já movido pelo interesse, já pelo excommungado vicio de colleccionador!

*Batel electrico*—Recentemente foi lançado ao Tamisa um de grandes dimensões, que é o primeiro d'uma serie de bateis semelhantes destinados ao serviço dos viajantes no rio. Este batel tem 20 metros de comprido e 3 de largo, poderá conduzir 80 passageiros e tem uma velocidade de 6 milhas por hora. Todo o mechanismo está collocado abaixo do ponto, deixando livre aos viajantes toda a extensão do batel. A electricidade está armazenada em 200 acumuladores, e é convertida em força mutora por dois aparelhos da força de 7 1/2 cavallos cada um, que põe em movimento dois propulsores systema Thornycroft.

*Tenacidade das madeiras.*—Sucedendo que nem todas as madeiras offerecem igual resistencia aos pezos que supportam, que a mesma especie apresenta resistencias diferentes conforme o terreno em que cresceu, e que na mesma arvore umas partes são mais resistentes do que outras, por exemplo, o tronco sempre é preferivel aos ramos, julgamos que interessa conhecer as tenacidades de diferentes madeiras.

A importancia d'este conhecimento não é necessario encarecel-a lembrando que devem as vigas resistir ás cargas que supportam horizontal e verticalmente, que vergando ficam em risco de partir passado um certo tempo e em todo o caso experimentarão uma flexão que exigirá a sua substituição: as indicações que se seguem, resultaram de ensaios feitos em igualdade de circumstancias com vigas de 5 metros e secção quadrada de 10 centimetros de lado, livres nas suas extremidades.

A ameixeira resistiu até perto de 1447 kilometros, o álamo até 1077, a faia até 1037, o carvalho até 1026, a aveleira até 1008, a macieira até 976, o castanheiro até 957, o pinheiro até 918, a nogueira até 918, o freixo até 883, o salgueiro até 850, a tilia até 650, o álamo d'Italia até 586.

A resistencia das madeiras pôde diminuir em consequencia da existencia de fendas ou nós, ainda

se em lugar de repousar sobre as suas extremidades, uma viga está solidamente encastrada n'um muro resiste muito mais á carga que supporta.

Um corpo pôde ainda debaixo do seu proprio pezo vergar e quebrar, quando se lhe dão certas dimensões, é o que succede com uma viga de carvalho de 33 metros de comprimento e de secção quadrada de 10 centímetros de lado collocada verticalmente.

Experiencias feitas ultimamente em Londres provaram que a madeira de crescimento rapido, pelo menos o carvalho, é a mais forte e susceptivel de maior grão de tensão. Estas experiencias são confirmadas por um constructor americano que tendo construido elegantes escadarias maciças, infôrma de que a madeira de crescimento rapido é a melhor para os interesses da architectura. Deverá pois preferir-se a madeira de crescimento rapido nas construcções que exigem solidez junta a uma grande tensão.

A estatistica tem tomado, n'estes ultimos tempos, proporções d'uma verdadeira mania.

Agora por exemplo um medico estrangeiro acaba de fazer, por puro entretenimento, o calculo do alimento que um individuo consome até á idade de 60 annos, tanto solido como liquido.

Affirma elle que, reunidos, esses alimentos encheriam 20 wagons. Ora contendo unicamente 4 toneladas por wagon este fazia 80,000 kilos, o que dá para um total de 25,250 dias d'existencia, um consumo medio de cerca de 3 kilos e 200 grammas por dia.

*Tapetes de areia.* — Entre as muitas curiosidades que a exposição de Paris offerece aos seus visitantes merece mencionar-se um trabalho d'um genero muito particular que executa mademoiselle Adèle Callebant mostrando ao publico o seu notavel talento de pintura a areia.

Esta habil pintora de nova especie tem diante de si uma serie de pratos cheios de areia muito fina de diversas côres. Toma a areia com a mão direita e deita-a sobre a meza em filete regular por meio do qual executa com incrível rapidez os mais bellos desenhos.

Mademoiselle Callebant consegue fazer cahir a areia com tanta precisão que chega a escrever com traços tão delicados como se fossem feitos a pincel.

## Recreações

Soluções correspondentes ao n.º 10

N.º 20 — (Problema)

E' o n.º 24, pois temos :

$$24 - 23 = 1, 1 \times 24 = 24.$$

N.º 21 — (Problema)

E' o n.º 142857 : transposto o primeiro algarismo para o fim resulta o n.º 428571 que, como se vê, é o tripulo do numero.

Soluções correspondentes ao n.º 12

N.º 22 (Problema)

Para resolver este problema procura-se naturalmente ensaiar pyramides, que não se sustentarão antes mesmo de se terem collocado metade das peças, e comtudo nada mais simples.

A collocação executa-se em roda, dispondo a principio um dominó inclinado que serve de ponto de appoio ao que em seguida principia a serie por fôrma que assenta pela ponta sobre a mesa e pelo flanco se appoia sobre aquella. Em seguida cada peça vem dispor-se obliquamente sobre a visinha, com a parte superior á altura da linha media da antecedente e circulando todas um centro que se deve imaginar.

Podem pela mesma fôrma dispor-se em linha recta utilizando primeiro um appoio estranho que em seguida é necessario tirar com todo o cuidado.

N.º 23 (Problema)

Distribuem-se primeiro os numeros de 1 a 9 pela fôrma que se segue de modo que as sommas das linhas, columnas e diagonal, sejam eguaes.

4	2	9
8	6	1
3	7	5

Em seguida imagina o quadrado grande dividido em nove partes que supomos designados pelos numeros acima e começando pelo quadrado 1 em que dispomos os numeros como acima, vamos em seguida assentando-os todos continuando na mesma ordem pelo 2, 3, etc.

31	29	36	13	11	18	76	74	81
35	33	28	17	15	10	80	78	73
30	34	32	12	16	14	75	79	77
67	65	72	49	47	54	4	2	9
71	69	64	53	51	46	8	6	1
66	70	68	48	52	50	3	7	5
22	20	27	58	56	63	40	38	45
26	21	19	62	60	55	44	42	37
21	25	23	57	61	59	39	43	41

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

EXTRACTO DO CATALOGO

Impressos para arrecadação dos impostos por percentagens sobre as contribuições do Estado

Modelos publicados no «Diario do Governo» n.º 291, de 1887

Numeros	Preço por caderno
765 A Rol — modelo n.º 2 . . . . .	60
765 C Talões — modelo n.º 6 (cada caderno tem 30 exemplares)	50
765 D Talões — modelo n.º 6 (cada caderno tem 20 exemplares)	40
765 E Certificados da importancia dos conhecimentos dos impostos directos — modelo n.º 7 . . . . .	70
765 F Relações para descarga dos documentos de cobrança dos impostos directos entregues ao recebedor — modelo n.º 8	80
765 G Titulos de annullação — modelo n.º 9 . . . . .	60
INSTRUÇÕES REGULAMENTARES DE 22 DE DEZEMBRO DE 1887, cada exemplar . . . . .	100 réis

PROFESSORES

25 F Recibos, com talão, de pagamento dos vencimentos. . . . .	60
145 Guias de correspondencia, modelo A da circular da Direcção Geral dos Correios, Telegraphos e Pharoas, em oitavo. . . . .	50
784 Mappas da matricula dos alumnos, em harmonia com o Regulamento da lei de 2 de maio de 1879 . . . . .	80
785 Mappas das presenças e faltas dos alumnos, para cadernos annuaes. . . . .	80
786 Ditos usados nos lyceus e collegios . . . . .	100
787 Mappas individuaes da frequencia dos alumnos, modelo B do Reg. cada mappa comporta 120 discipulos. . . . .	60
788 Relações dos alumnos que o professor propõe a exame art. 151.º e 153.º do Reg. . . . .	100
790 Mappas numericos da frequencia, que se remettem ao Inspector, modelo usado na circumscripção de Coimbra	60
790 A Mappas numericos da frequencia, que se remettem ao Inspector (resumidos) . . . . .	60
791 Mappas estatisticos da frequencia mensal dos alumnos, usados no districto de Lisboa . . . . .	60
791 D Mappas trimensaes do movimento das escolas . . . . .	60
792 Declarações que se devem prestar para se obter titulo de renda vitalicia. . . . .	100
800 Taboada com o novo systema metrico decimal de pesos e medidas e antigo systema, com tabellas da equivalencia dos pesos e medidas mais usuaes, comprehendida a redução do alqueire e almude dos diferentes concelhos e de algumas freguezias do reino, em litros, centilitros e millilitros; cada uma — 60 réis.	
800 Ditaa abreviadas, cada uma — 20 réis.	
805 Abecedarios com gravuras, cada um — 20 réis.	

ESTAÇÕES TELEGRAPHO-POSTAES

228 A Papel carimbado. . . . .	40
725 Notas semanaes dos vales . . . . .	60
731 Mappas mensaes do rendimento da estação. . . . .	100
732 Quadros mensaes de todos os rendimentos postaes e telegraphicos . . . . .	100
733 Notas do rendimento cobrado e entregas durante o mez.	100
734 Notas das importancias entregues na Recebedoria ou Thesouraria. . . . .	100
745 Sobrescriptos: a) Para... da Direcção Geral dos Correios Telegraphos e Pharoas, — b) Para... da Administração, — c) Para Director Telegrapho-Postal, — d) Chefe da Estação Telegrapho-Postal . . . . .	30

PHARMACIAS

806 Rotulos de diferentes formatos (sem o nome da pharmacia) . . . . .	150
826 Officios das copias de matricula e 20 réis. prática pharmaceutica — cada exemplar —	
Livro de registo de receitas; — com 50 fl. 700; com 100 fl. 15150 réis.	
Livro de registo de matriculas de pratica pharmaceutica, — 320 réis.	

PARA USO DOS PARTICULARES

Numeros	Preço por caderno
7 Papel para livros de conta corrente, com rostos, formato grande (veja-se o n.º 85 A, formato pequeno) . . . . .	120
35 A Folhas de vencimento de operarios, semanaes. . . . .	60
35 A Ditas, para livro . . . . .	60
39 Facturas ou contas d'objectos fornecidos ás Camaras Municipaes. . . . .	50
85 Papel para livros de conta corrente, com — Deve — e — Haver — na mesma columna . . . . .	80
85 A Papel para livros de conta corrente com o — Deve — e — Haver — em paginas distinctas (veja-se o n.º 7) . . . . .	60
85 B Papel para livros de diario de receita e despeza . . . . .	60
85 B Papel para livros de diario de receita e despeza, formato grande. . . . .	120
112 Pautas de 25 a 36 linhas. . . . .	100
113 Pautas em cartão (de 25 e 30 linhas), a 20 réis cada uma.	
200 D Avisos de fóros, rendas, etc., com recibo para assignar nos mesmos. . . . .	40
450 Relações que se entregam ao Escrivão de Fazenda, dos predios que passam para outro possuidor . . . . .	60
523 Participações para pagar a contribuição de registo por titulo oneroso (cisas) . . . . .	50
523 A Ditas com mappas d'operações no verso . . . . .	100
523 B Ditas, por titulo gratuito. . . . .	100
762 Relações das missas incumbidas . . . . .	80
763 Relações das missas celebradas diariamente . . . . .	80
770 Recibos de egressos e classes inactivas. . . . .	60
771 Recibos de vencimentos pagos pelo Estado. . . . .	70
792 Declarações que se devem prestar para se obter titulo de renda vitalicia. . . . .	100
800 Taboadas com o novo systema metrico decimal de pesos e medidas e antigo systema, com tabellas da equivalencia dos pesos e medidas mais usuaes, comprehendida a redução do alqueire e almude dos diferentes concelhos e de algumas freguezias do reino, em litros, centilitros e millilitros; cada uma — 60 réis.	
800 Ditaa abreviadas, — a 20 réis cada uma.	
803 Diario de despeza domestica, cartonado, cada exemplar, 400 réis.	
805 Abecedarios com gravuras, cada um — 20 réis.	
806 Rotulos para boticas, livreiros, cartorios, etc. . . . .	150
807 Rotulos para garrafas de licor de café, canella, laranja, aniz, rosa, lima, absintho, marrasquino e cravo, cada cento de uma qualidade ou sortidos, 200 réis.	
810 Letras commerciaes . . . . .	60
811 Facturas para estabelecimentos, em meia folha . . . . .	60
815 Arrendamentos de predios urbanos. . . . .	80
816 Arrendamentos de predios rusticos, de arrendatario para senhorio e de senhorio para arrendatario. . . . .	80
820 Titulos de dinheiro a juro . . . . .	80
822 Relações das inscripções, para se receberem juros, novo modelo. . . . .	80
824 Cartas de credito . . . . .	60
825 Cartas de convite para enterro, em meia folha . . . . .	60
825 A Ditas, em folha. . . . .	50
826 Officios das copias de matricula e notas de pratica pharmaceutica, cada exemplar — 20 réis.	
850 Vales de dinheiro . . . . .	60
851 Talões para cobrança de fóros, rações, rendas, etc. . . . .	60
852 Papel para livros de inventario ou tombo de predios urbanos e rusticos com designações, confrontações e valores . . . . .	80
860 Avisos por dividas. . . . .	50
862 Taboa de calcular facilmente juros ou interesses, qualquer que seja o capital, juros e tempo, a 30 réis cada uma.	
863 Declarações sobre a contribuição predial. . . . .	60
863 A Ditas para as contribuições de renda de casas, sumptuaria e industrial . . . . .	60
864 Tabella das pagas do jogo do voltarete, cada uma — 20 réis.	
865 Notas de expedição, para o caminho de ferro, a 120 réis o cento. Compradas no escriptorio, a 100 réis.	
865 A Ditas internacionaes, papel azul, a 400 réis o cento.	
866 Recibos d'assignaturas de jornaes diarios. . . . .	60
867 Livros indices alphabeticos, carton., cada um — 300 réis.	
888 Rol de roupa enviada para a lavadeira, carton. — 200 réis.	
889 Papel com termos de emprestimo sobre penhores, formato grande . . . . .	300

Envia-se a quem o pedir, franco de porte, o Catalogo de todos os impressos em deposito.

TYPOGRAPHIA  
**AUXILIAR D'ESCRITORIO**

E

**DEPOSITO DE IMPRESSOS**  
**PARA REPARTIÇÕES PUBLICAS**

DE

**Manuel Caetano da Silva**

Estabelecimento fundado em 1846

Medalhas de prata na Exposição de Manufacturas do Districto de Coimbra, em 1884  
e na Exposição Industrial Portugueza, em Lisboa, em 1888

Enviam-se na volta do correio em que são feitas as requisições todos os  
papeis annunciados na Tabella Auxiliar d'Escriptorio e fazem-se rapi-  
damente impressões em todos os generos — taes como mappas, facturas,  
prospectos, avisos, circulares, regulamentos, estatutos, etc.

**PRAÇA DO COMMERCIO, 11**

**COIMBRA.**

